NOVE
AMANHÃS

Nove Amanhãs:

histórias de ficção científica e especulativa

02/2020, ano 4, número 2

ISSN: 2675-2670

A revista *Nove Amanhãs* é uma iniciativa do curso Além das Fronteiras da Ficção Científica, da professora doutora Valéria Sabrina Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Expediente

Corpo editorial:

Camila Lanhoso, Luciano M. Duarte Júnior, Maria Silvia Duarte e Valéria Sabrina Pereira

Autores:

Andreya Seiffert, Foster Luppi, Gabriel Candido, João Fortunato, Laura Ribeiro, Michel Peres, Raquel Setz, Victor Baspin e Vitória Vozniak

Logotipo:

Letícia Santana Gomes

Capa:

Thamiris Rezende

Projeto gráfico:

Anastase Kyriakos

Av. Afonso Pena, 3.130, sala 305 - Funcionários

Belo Horizonte - MG | CEP: 30130-012

www.noveamanhas.com.br

noveamanhas@gmail.com

Sumário

7 EDITORIAL

11 48

17 VISÕES DA BENIN COPPER

27 A AULA DO PROFESSOR REYNOLDS

33 DESCOMPRESSÃO

41 HIGH TECH, LOW LIFE

45 ALARME 147

51 UNIÃO

65 SISTEMA PRESIDIÁRIO

77 MAIS AVANÇADO QUE A MAIS AVANÇADA DAS MAIS AVANÇADAS TECNOLOGIAS

Editorial

Pandemia. Por cerca de dois anos, fomos involuntariamente jogados dentro de uma narrativa semelhante à ficção científica. Se há a expectativa de que a ficção pode nos preparar para a realidade, o fato é que as diversas narrativas sobre pandemia – ficção científica ou não, ficcionais ou não – não podiam nos preparar para o impacto psicológico que foram os anos de alerta mundial de saúde, que apenas tiveram o seu final decretado pela OMS em maio de 2023.

Embora a vida, de fato, tenha começado a retornar à normalidade muito antes disso, com a abertura de estabelecimentos, o retorno aos espaços públicos, reencontros e a lenta despedida das máscaras, a pandemia deixou cicatrizes. Além do luto, mesmo aqueles que não foram afetados pela longa covid tiveram sintomas: alterações na memória, atenção e noção de tempo, e, em muitos casos, alterações de humor, e estes são apenas alguns deles. Nós, da *Nove Amanhãs*, não fomos nenhuma exceção. Com essas palavras, nos desculpamos pela longa ausência, em especial com os autores, que pacientemente esperaram pelo nosso retorno. Estamos, mesmo com todo o atraso, satisfeitos em poder, finalmente, apresentar o segundo número da *Nove Amanhãs*.

Para esta segunda publicação, recebemos um número consideravelmente maior de submissões, de autores mais espalhados pelo país do que no primeiro número. Também nossa equipe editorial não está mais completamente concentrada na cidade de Belo Horizonte. Aos poucos, nos espalhamos pelo país. Apesar de este dado inicial soar como uma promessa de uma variedade maior de temas, nos impressionou a quantidade de submissões de contos sobre pandemias. Infelizmente, o ano era 2020, e todos ainda estavam submersos nos acontecimentos, sem o distanciamento necessário para uma criação mais crítica e, com base nos critérios de avaliação estabelecidos, esses contos acabaram não chegando à seleção final

Se é verdade que a ficção científica nos auxilia a compreender o presente, também é real que uma obra não deve ser medida apenas pela sua relevância para discussões presentes. E isso é algo que aprendemos com o primeiro número,

quando este ainda era um dos quesitos de pontuação para a seleção da revista. Uma vez alterado, foi feita uma repescagem do conto “A aula do professor Reynolds”, de Victor Baspin, que compartilhamos com vocês nesta edição. Mas não nos apressemos. A seguir o panorama do que os aguarda neste número, por ordem de aparição.

Qual é a função da ficção científica? A maioria dos teóricos concorda que não seja prever o futuro, mas, sim, um certo distanciamento para que possamos compreender a nossa realidade melhor. Assim, abrimos a seleção de contos desta edição com “48”, de Andreya Seiffert, um conto breve e introspectivo que nos demonstra claramente como a aproximação do espaço pode nos aproximar ainda mais do terreno e de nós mesmos.

Em “Visões de Bennin Copper”, seu segundo conto publicado pela *Nove Amanhãs*, Michel Peres nos apresenta o misterioso e excêntrico Eliseu Serpa, mineiro de Ouro Preto que ainda criança ficara órfão e fora adotado por um casal de dinamarqueses. Já adulto, torna-se um artista plástico e *performer* notável pelo uso de tecnologia em suas obras inovadoramente híbridas. A última delas desperta o incômodo de executivos financeiros por ser supostamente capaz de prever as oscilações nas principais bolsas de valores do mundo e, assim, enriquecer seu criador. Ou seria tudo coincidência e intuição artística?

Em “A aula do professor Reynolds”, o escritor Victor Baspin apresenta ao leitor uma narrativa cheia de tensão, mistério e ironia. Em uma oportunidade única, o protagonista Saggo Khyr é convidado pela Alas Enterprise a explorar a Fronteira, uma zona sobre a qual os personagens sabem pouco a respeito. Khyr embarca em sua missão sozinho, mas mantém contato com seus chefes por meio do Intercom, um dispositivo semelhante a um telefone. Quando todas as vozes se calam, no entanto, o personagem se vê diante de uma autoridade mais absoluta do que o próprio Deus.

“Descompressão”, de Foster Luppi, é a mistura perfeita entre ficção científica e suspense. Todos os dias, a protagonista Maria trabalha ao lado de seu robô Severino, buscando extrair metais radioativos do fundo do mar. No conto, grande parte da humanidade já não habita a Terra, tendo colonizado a Lua e Marte, e aqueles que restaram se veem obrigados a habitar as profundezas do oceano, pois os continentes já não são adequados para a vida humana. Maria é garimpeira, não tem família nem amigos e, ironicamente, nunca viu um peixe. Isto é, até a descompressão.

“High Tech, Low Life”, de Laura Ribeiro, é uma narrativa que trata do sucateamento do próprio corpo humano em um futuro distópico na desoladora Necrópole, lugar pútrido que abriga os *low life*, ao mesmo passo em que é orbitada pelas colônias que servem de moradia para os chamados *high life*, grupo privilegiado de humanos que vivem em condições muito superiores ao lixo, às doenças e à fome, que rodeiam aqueles que até de seus nomes foram privados, tratados friamente por algarismos numéricos. Na Necrópole, as pessoas vivem de modo precário e provisório, tentando sobreviver ao hoje sem a certeza do amanhã.

É nesse contexto desesperançoso que acompanhamos nossa protagonista, já cansada da mera sobrevivência.

Entre as visões apocalípticas, “Alarme 147”, de Vitória Vozniak, nos apresenta Letícia, uma sobrevivente da Terceira Guerra, com memórias e nostalgia de uma vida que muito se assemelha à nossa enquanto luta por sobrevivência em um mundo que ela desconhece quase tanto quanto nós uma vez que os meios de comunicação foram extintos.

E quem não clamou nos últimos anos por uma intervenção alienígena? Independente do posicionamento político, ambos os lados em algum momento acreditaram que o melhor seria logo sermos invadidos por alienígenas, porque uma solução entre nós, aqui no Brasil, não seria mais possível. Grabriel Candido apresenta em “União” uma visão de um Brasil invadido por alienígenas que vieram para supostamente resolver nossos problemas, ou os problemas da humanidade. Mas seria isso mesmo o que desejamos?

Qual é a verdadeira função de um “Sistema presidiário”? Punir e castigar? Ou a reintegração na sociedade? Ou, talvez, não a reintegração, apenas a certeza de que o infrator não voltaria a cometer crimes? Será que realidades simuladas seriam capazes de garantir algum desses objetivos? Mas a que custo? João Fortunato desenvolve um experimento mental em seu conto, onde o sistema presidiário e a proposta de aplicação de uma realidade simulada são comentados pela ótica de um prisioneiro.

Apesar de todo o clima de destruição que as notícias recentes nos inundam, fechamos esta edição com um conto de esperança. “Mais avançado que a mais avançada das tecnologias”, apresenta um projeto decolonial, um futuro que só é possível se voltarmos os olhos para o passado, para uma agricultura menos predatória e que esteja mais em harmonia com a natureza. Tecnologias podem, sim, fazer parte do processo, mas nem o conceito de progresso nem mesmo a ficção científica devem ser tecidos apenas por avanços tecnológicos. Um retorno às bases pode ser vital para o avanço, além de ser um respiro para o gênero da ficção científica, como Raquel Setz busca nos mostrar.

Boa leitura!
Equipe Nove Amanhãs

48

Andreya Seiffert é historiadora e trabalha nas fronteiras da História com a ficção. Em seu doutorado, investigou um grupo de escritores de ficção científica chamado "The Futurians". Gosta de ler, assistir séries e jogar jogos de tabuleiro nas horas de folga.

I

Depois do nervosismo e apreensão, o alívio. Seu corpo ainda estava desacelerando devido ao recente estresse causado nele. Desacelerando: não só ela, mas tudo à sua volta. Soltou seu cinto de segurança e foi espiar pela janela. Era verdade o que Yuri havia dito: era azul, e não verde como as histórias de ficção científica que crescera lendo a descreviam. Era uma imagem tão linda que era difícil não se emocionar. Por vezes, uma sensação de que aquilo que estava vendo não era real lhe acometia. Ela não tentava espantar essa impressão, até chegava a curtir esse afastamento. Riu desse pensamento. Impossível estar mais afastada do que isso, não? Ou será que era possível ir ainda mais longe? O que haveria para lá da escuridão? Talvez em breve ela – e toda a humanidade – descobrisse. Como seria uma vida tão diferente que nem é possível imaginá-la? O pensamento era contraditório por si só, ela sabia, mas continuava tentando montar o inimaginável em sua cabeça. Talvez fosse como um daqueles monstros com olhos de insetos… Como seria ter uma consciência diferente da humana? Como acessar tal forma de pensar? Como se comunicar e estreitar relações? Bom, quando chegar a esse ponto várias pessoas muito mais capacitadas tentarão achar soluções, ela pensou. Será que estava muito velha para tentar uma formação? Talvez pudesse virar uma engenheira… O futuro se abria de muitas formas diferentes, quase tão vastas quanto o próprio universo.

II

Sentou novamente e consultou seu relógio. Desde a decolagem, já havia se passado duas horas. Ainda tinha mais quarenta e seis pela frente. Tentou se comunicar com a Terra, mas o sinal estava falhando. Queria felicitar os colegas pelo feito e contar a eles como a vista era incrível. Gostaria de poder abraçá-los, mas dois dias passam rápido e em breve estariam juntos novamente. Que conquista espetacular para a humanidade, poder sair do planeta que sempre foi sua casa. Quantos filósofos, cientistas e escritores já tinham sonhado com isso? E ali estava ela, orbitando a Terra. Torcia para que no futuro essa viagem fosse tão comum quanto as de trem. Queria que todas as pessoas pudessem ver quão bonito é o planeta, e quão imenso é o espaço que as cerca. Era realmente notável o quanto a humanidade havia avançado em pouco tempo. E quanto mais ainda havia a avançar! Erradicação de doenças, máquinas para realizar o trabalho humano e, quem sabe, a colonização de outros planetas.

III

Quando era criança, Valentina sonhava em conhecer o mar. Escutava com atenção os relatos de quem já tinha visto a imensidão de água azul que se confundia com o céu no horizonte. Dali de cima, no entanto, o azul do mar não se misturava com o céu. Ficava preso naquela bola imensa e cheia de vida a rodar pelo espaço. Era curioso poder ver com os próprios olhos como os oceanos eram grandes, e os continentes, onde os seres humanos se concentravam, menores. Todas as disputas, todas as conquistas, estava tudo praticamente restrito àqueles espaços de terra. Quanta vida cabia por metro quadrado? Quantas histórias incríveis, quantos amores, alegrias e dissabores? A sensação de ver a Terra de cima era parecida com a de ver um formigueiro: ela tentava imaginar o que se passava lá embaixo, da onde vinham e pra onde iam aquelas vidas minúsculas, invisíveis a ela, mas cheias de significado. Vista de cima, a humanidade era uma só, mas lá embaixo os conflitos separavam até os mais próximos. Pensou nas pessoas que eram próximas a ela e que o tempo foi afastando. De algumas, já não lembrava mais o que havia feito elas deixarem de se falar. Ainda que fosse algo grande à época, agora parecia insignificante. De outras, guardava uma pequena mágoa e desejava que tudo pudesse ter sido resolvido de outra forma.

IV

Havia trajetórias que se assemelhavam a uma estrada reta. A vida de Valentina parecia mais esses rios vistos de cima, que se desdobram em vários cursos e que às vezes voltam a se encontrar, mas que na maior parte das vezes se dispersam. Quanto dela ela foi deixando pelo caminho? Quanto dela se perdeu? Era possível recuperar? Ela queria voltar a ser a pessoa que deixou para trás? Enquanto pensava sobre tudo isso, a sua esfera continuava a rodar e rodar. A vida lá embaixo continuava seguindo em frente – ou às vezes escapulindo pelas laterais.

Queria poder conversar com alguém, estava se sentindo sozinha. Pensou sobre todas as etapas que levaram ela a estar naquele momento ali, entre as estrelas. Foi uma preparação difícil, e ela achou que não conseguiria. Achava as outras candidatas melhores, mais bem preparadas. No fim, mesmo tendo sido a escolhida, ainda duvidada de si mesma.

Já havia se passado pouco mais de doze horas desde seu lançamento e ela já havia dado doze voltas completas na Terra. Pensou em comer alguma coisa antes de dormir, mas lembrou que mais cedo a comida havia lhe deixado enjoada e desistiu. Fez algumas anotações, tirou mais algumas fotos e deitou.

V

Teve sonhos curiosos. Em um deles, encontrava uma famosa cantora que lhe contava odiar aspargos. Em outro, era novamente uma estudante. Estava atrasada para ir à escola e não conseguia encontrar seus livros. Pessoas apareciam na sua frente, bloqueando a passagem e a atrasando ainda mais. Acordou num susto, com a sensação de que precisava se apressar. Aos poucos, foi saindo do reino dos sonhos. As lembranças de sua vida, desde que estava no colégio até agora, chegaram a sua consciência como uma enxurrada, apagando violentamente a impressão que o sonho havia lhe causado. De uma só vez, lembrou-se que sua vida agora era outra, já era formada há vários anos, tinha um emprego, uma casa, novos amigos e interesses. Ainda de olhos fechados, pensou no quarto da casa dos seus pais onde estaria acordando caso sua vida ainda fosse a do sonho. Suas bonecas em cima da cômoda, sua colcha colorida… Quando finalmente abriu os olhos, levou um susto. Havia se esquecido momentaneamente de que estava no espaço, a quilômetros de distância de seu endereço atual. Riu de si mesma, ao mesmo tempo em que uma certa saudade misturada com melancolia tentava se instalar nela. Quantos sentimentos era possível experimentar ao mesmo tempo?

VI

A saudade de casa, da família e dos amigos foi aumentando ao longo do dia. Além disso, seu corpo começava a dar sinais de que queria se mexer, se esticar, o que era impossível naquele momento. Em geral, ela lidava bem com a solidão e gostava de ficar sozinha. Nunca, no entanto, tinha lidado com uma solidão tão absoluta, tão total. Diante das estrelas, Valentina refletia sobre como sozinha a vida parecia perder muito do seu sentido. Gostaria de ter alguém ao seu lado para compartilhar a beleza e a grandiosidade ao redor. Quando voltasse à Terra, contaria tudo o que viu e sentiu, mas sabia que não seria a mesma coisa. Como traduzir em palavras o infinito negro? Como explicar a emoção de ver essa esfera azul de cima, casa da humanidade e de tudo o que ela conhece? Gostaria de ter mais habilidade na escrita. Imagina o que um escritor-cosmonauta poderia produzir! Se, como acreditava, as viagens espaciais se tornassem comuns no futuro, ainda poderia ler, através das palavras de outra pessoa, uma descrição sobre os sentimentos que estava experimentando e não sabia ao certo como traduzir. Engraçado isso,

procurar no outro uma explicação sobre si mesmo. Mas não era isso o que a literatura proporciona, um entendimento maior e mais profundo sobre coisas que nos tocam e nem sempre sabemos como expressar?

VII

Lembrou da ideia de universos paralelos: mundos praticamente iguais, coexistindo em frequências diferentes. O que as diferentes versões de si mesma estariam fazendo nesse momento? Teria uma cópia perfeita de si orbitando sua própria Terra? Como ela estaria se sentindo? Pensou novamente nos rios e suas bifurcações. Se tivesse optado por outros caminhos, aonde eles a teriam levado? Ela nunca imaginou chegar tão longe, mas se isso foi possível, será que podia conquistar ainda mais? Era “noite” novamente, ao menos na parte do globo em que morava. Dali a algumas horas estaria de volta em terra firme. Poderia continuar sua vida de onde havia parado, ou poderia partir para uma nova trilha, um novo rumo. Havia tanto do mundo – e do universo – para desbravar. Ela estava só no começo.

VISÕES DA BENIN COPPER

Michel Peres nasceu em Matozinhos, Minas Gerais, em 1982. Formou-se em História, Engenharia e possui especialização em artes. Escreveu artigos para o site Obvious, possui poemas publicados no site Ruído Manifesto, participou de coletâneas como Mitos Modernos (Penumbra Livros), Realidades Cabulosas (site Leitor Cabuloso), Cyberpunk – Registros recuperados de futuros proibidos (Editora Draco) e teve contos publicados nas revistas Avessa, Escambanáutica, Jamburana, Mafagafo, Nove Amanhãs, Trasgo e Somnium. Autor de HIPERHELIX (Editora Patuá, 2020).

A primeira vez que entrevistei Eliseu Serpa foi em seu estúdio em Xangai. O estúdio foi construído no interior de um galpão da época em que toda a província de Jiangsu proliferava com a construção das linhas de trens-bala que ligariam portos da China ocidental aos isolados planaltos da Colina dos Gritos. Serpa me recebeu trajando um terno-macacão que contou com orgulho ter sido feito pela sua própria esposa. A vestimenta lhe dava a aparência de um embaixador saído de algum seriado antigo de ficção científica, deixando à mostra o pescoço e os braços cobertos por videoskin, onde animações são exibidas dia e noite; seu nariz, largo e aquilino, e o olho direito praticamente cego lhe dão um ar bárbaro e nobre ao mesmo tempo. '(As pessoas) Juram ter me visto em algum retrato de Rembrandt', ele conta, sorvendo uma xícara com chá de flor de laranjeira.

StoneTusk
Conta verificada @StoneTusk
Há 7 horas
Os rendimentos são mais altos hoje nos mercados de títulos globais do que há dois anos, oferecendo um potencial de renda maior. Leia o significado disso para investidores em títulos em nossa mais recente percepção de estratégia para a renda fixa.

Serpa nasceu em Ouro Preto, lá vivendo até os cinco anos, quando seus pais morreram em um acidente de ônibus. Adotado por um casal de dinamarqueses, ele

se mudou com a nova família para Copenhagen. No início da fase adulta, trabalhou como soldador, enquanto cursava arte e novas mídias na Escola de Artes København. Viajou durante três anos pela América do Sul e Europa, indo a lugares tão longe como Machu Pichu e Davos, cidade que sempre lhe fascinou. Aos dezenove anos realizou a primeira exposição, sendo a obra mais conhecida deste período 'A Montanha', uma instalação inspirada nos presépios que viu em Minas Gerais e na Suíça (a obra possui uma cena natalina, as figuras da Sagrada Família constituídas a partir da bactéria da tuberculose, que desemboca direto em um inferno de Bosch dominado pela carcaça de um Panzer rodeada por manequins vestidos com uniformes da Primeira Guerra). Junto a Anselm Koga, Gemma Cervetto, Herman Roilos e Maria Marie, Serpa fundou a Secessão de Port Watson, coletivo de artistas que na Bienal de Antananarivo foi apelidado de a 'Geração Fendida'. Lá, Serpa apresentou 'Tropicalismo Nervoso Controlado', considerada sua primeira imersão no mundo das performances. Nesse trabalho, documentado através de fotos, vídeos e lives, ele se conectou via wireless a uma samambaia, emitindo nutrientes decodificados do próprio corpo para a planta.

Hoje, com trinta e sete anos, Serpa tem a aparência de um mecânico que prosperou no mercado imobiliário. À primeira vista é fácil se surpreender com seu modo calmo e a voz grave e apaziguadora. Quando se expressa, move as mãos parecendo manipular um brinquedo delicado entre os dedos.

THYARS E PICO-INFLUENCIADORES QUE PODEM AJUDAR A PROMOVER ARTE PARA A NOVA GERAÇÃO

Entrevistador: Sente falta do Brasil?

Serpa: Não sei se é bem sentir falta, porque saí de lá ainda guri. Minha identidade com o Brasil é uma espécie de membro fantasma. Ou pátria fantasma. Meus documentos falam uma coisa, mas quando vejo uma bandeira do Brasil ou simplesmente ouço a palavra é como se eu fosse puxado por uma corda presa na minha cintura pro outro lado do mundo.

Entrevistador: Me fale sobre a cidade em que nasceu.

Serpa: Ouro Preto é uma cidadezinha no meio das montanhas. Imagine uma Davos construída por mãos negras. É Ouro Preto. A cidade é histórica, mas alteraram ela tanto nos últimos anos que nem sei mais... O teleférico que une a rua Direita à Praça Tiradentes, por exemplo... aquilo não passa de terrorismo em forma de arquitetura.

Entrevistador: Você pensa muito em Ouro Preto?

StoneTusk
Conta verificada @StoneTusk

Há 10 minutos

O comércio internacional sofreu com o desenrolar da guerra comercial entre a China e o Cinturão Africano. Enquanto isso o crescimento global estagna. Veja nossas projeções para o próximo bimestre.

Serpa: Digamos que tem dia que acordo com o cheiro do mofo ouro-pretano nas narinas.

Entrevistador: Sua obra 'A Montanha' tem algo dessa relação Davos-Ouro Preto que você mencionou?

Serpa: Tem. A primeira vez que visitei Davos senti de imediato uma comunhão entre as duas cidades: o isolamento, as montanhas, o turismo como burro de carga... Essa sensação se tornou uma coceira depois que li 'A Montanha Mágica'. Arrisco dizer que a vida de Hans Castorp pode ser facilmente transportada pro refeitório da Escola de Minas.

Entrevistador: A montanha de 'A Montanha' é a de Thomas Mann?

Serpa: Em certos aspectos, como no bacilo de Koch que usei nos moldes da Sagrada Família, ou nos manequins com uniformes do Exército Austro-Húngaro. A Sagrada Família tem um forte apelo para mim. Me permite explorar conceitos que estou sempre estudando, como migração e fuga. Os uniformes dos soldados foram costurados por ex-trabalhadores encontrados como escravos numa fábrica da Hèrmes. Eles agora possuem sua própria linha de confecção, e a camaradagem deles me lembra meus tempos de Port Watson.

Entrevistador: Você vive em Shangai há quase três anos. Algum motivo especial?

Serpa: A luz. Sou um tipo de hábitos diurnos. Em Shangai, mesmo à noite, parece dia. É tanto arranha-céu, tanta lâmpada que no lusco-fusco a cidade chega a ser mais iluminada.

Entrevistador: Gostaria de saber um pouco mais sobre seus primeiros anos. Você estava no ônibus quando seus pais se acidentaram?

Serpa: Não, eu estava em casa com a babá. Lembro que quando ligaram para dar a notícia, a TV exibia os ataques ao Cristo Redentor. Hoje, sempre que penso na morte dos dois, me vem a imagem de um ônibus colidindo contra o Cristo.

EVIDÊNCIAS DE DESVIO DE VERBAS PODEM ATRAPALHAR CONSTRUÇÃO DO NOVO COMPLEXO DO CORCOVADO. GOVERNADOR PAIVA NEGA ACUSAÇÕES.

Entrevistador: Como começa uma nova obra?

Serpa: Depende. Pode ser uma memória, algo que li ou apenas uma nuvem diferente. Tudo pode servir de ignição. Alguns criadores tendem a ser cutucados por palavras, cheiros, sabores, ou qualquer outra tara. No meu caso são imagens. Um fragmento que seja, de foto ou vídeo. Se houver algo suculento ali, destrincho até chegar ao nervo.

StoneTusk
Conta verificada @StoneTusk
Há 2 horas
Os fatores de renda fixa estão em período de expansão no comparativo com ações, mas certamente há um impulso crescente para os investidores buscarem algo novo.

Entrevistador: E a partir daí?

Serpa: A partir daí é puro deslinde. Circulo em busca do que pode ser explorado. O processo me diverte bastante. Me lembra antigos jogos de estratégia, como Age of Empires: o mapa ao redor está todo escuro e à medida que se avança as possibilidades vão surgindo.

Entrevistador: Há várias imagens aqui no seu estúdio...

Serpa: E elas são cruciais. A vida toda me rodeei de imagens. Me lembro de recortar figuras de revistas e jornais e colar elas na parede do quarto. Brincava de colagem, apesar de na época nem fazer ideia do significado dessa palavra. Hoje em dia é igual. Não só aqui, como no estúdio que tenho em Nusa Penida, eu vivo rodeado de imagens. Pra onde virar, tem algo pra prender minha atenção.

Entrevistador: Como foi sua experiência como soldador?

Serpa: Em que sentido?

Entrevistador: Se essa experiência exerceu influência na sua poética.

Serpa: Influenciou no ponto em que eu me via como um Richard Serra, envolvido num trabalho de colarinho azul pra pagar os estudos. Mas diferente dele, o que eu vivi nas fábricas não gerou nenhum abcesso artístico.

POR QUE A BIENAL DE SÃO FRANCISCO AINDA É IMPORTANTE?

Entrevistador: O trabalho em fábrica não é visível de maneira alguma em suas obras?

Serpa: No processo, talvez. Mas esteticamente não vejo nada daquela época na minha obra.

Entrevistador: E foi quando você fugiu de casa...

Serpa: Eu diria 'manter distância'. Por mais que eu viajasse, sempre fiz questão de deixar meus pais adotivos cientes de onde eu estava. Apesar de nem sempre dizer pra onde eu ia.

Entrevistador: Por quê?

Serpa: Eles achavam que eu ia assumir os negócios da família. Ou que eu fosse estudar Direito.

Entrevistador: Você não cursou Direito, mas cursou Medicina em Berlim...

StoneTusk
Conta verificada @StoneTusk
Há 3 horas
Naor Saavedra, nosso Gerente de Portfólio, explica por que a volatilidade do mercado foi tão severa, mesmo com o crescimento moderado.

Serpa: Por um tempo. A faculdade era gratuita e eu tinha mais interesse pelas aulas de anatomia e pela Love Parade (risadas). Mas foi um momento importante na minha carreira. Eu havia graduado na København e estava à procura do meu caminho. Não que eu estivesse perdido. Eu sabia que meu negócio era arte. Precisava só descobrir quais mídias seriam mais úteis pra mim, pra minha caixa de ferramentas.

Entrevistador: Como o nomadismo entrou em sua vida?

Serpa: Desde a morte dos meus pais, eu acho. Minha ida pra Europa foi uma espécie de duplo aborto. Saí dum país arrebentado pra outro onde tudo funcionava como um relógio. E foi essa perfeição que me fez sair da Dinamarca. Há liberdade lá, mas do tipo pasteurizada. Respeito os dinamarqueses, mas parece que todos eles foram paridos por tanques pressurizados. Pouco antes de sair de lá, li 'O Gene Paleolítico'. Esse livro foi uma revelação pra mim. Rimbaud, Gauguin, Van Gogh, Kerouak... muitos artistas seguiram o nomadismo, esse ideal de encarar a fuga como um bilhete, como uma inconstância arejadora. O objetivo não é sair e ver o outro, mas viver o outro. Eu na verdade sempre senti ser esse outro.

StoneTusk
Conta verificada @StoneTusk

Há 30 minutos

Esperamos que o #cinturaoafricano recupere taxas de crescimento ainda este ano, ajudado pela robusta atividade doméstica. Esta opinião é apoiada por um aumento da zona de influência do neokwacha.

MERCADO MALGAXE FRATURADO ENQUANTO GOLPE ESTOURA EM ANTANANARIVO

Entrevistador: Foi nessa época que você começou a se dedicar a performance? Alguma razão especial para isso?

Serpa: Com a performance, eu podia me locomover pra onde fosse com a única mídia necessária: meu corpo. Foi libertador. Como havia programas de residência em qualquer lugar da Europa, da África e da Ásia, eu pulava de universidade em universidade, iniciando colaborações com gente de áreas que jamais pensei em trabalhar junto. Uma das experiências mais ricas ocorreu no Departamento de Aquacultura da Universidade de Antananarivo. Lá desenvolvi estas guelras para a performance 'Ítaca ao Microscópio'.

Entrevistador: Essa performance deu início ao seu mais recente trabalho, 'Peixe Grande Espera os Pequenos', certo?

ARTE: NOVO TRABALHO DE ELISEU SERPA EVOCA O MERCADO DE AÇÕES

Serpa: Isso.

Entrevistador: Pode falar um pouco sobre ele?

StoneTusk

Conta verificada @StoneTusk

29 de abril

Tensões regionais levam à bancarrota da Benin Copper e Malaysia Lithium Energy, duas gigantes da mineração. Nossos analistas anteviram suas causas e explicam o porquê delas em detalhes.

Serpa: Pra desenvolver 'Peixe', me inspirei nos povos da Mesoamérica que utilizaram da trepanação como instrumento de arte divinatória. Eles acreditavam que a exposição do cérebro permitiria que os sussurros de Gukumatz, um deus mediador entre os cosmos, chegassem com mais facilidade ao iniciado. O que fiz foi implantar dois feed-drives em meu cérebro, um em meu lóbulo frontal, outro no lóbulo temporal. Os dois são alimentados constantemente com dados da Bolsa de Shenzhen, Nasdaq e Nova York. Os dados interagem em sincronia com fragmentos de poesias soviéticas, que percorrem minha retina graças a um aplicativo randômico.

As citações e gráficos que crio durante a performance são outputs dessa interação.

Entrevistador: Neste trabalho houve parceria com alguma universidade?

Serpa: Os artefatos foram produzidos por mim e dois engenheiros da Universidade de Oulu. Já a cirurgia pra implantá-los foi feita num hospital na Cidade do Cabo. O procedimento foi transmitido ao vivo para usuários de cinco redes sociais, além de um telão instalado no meio da Pasar Baru, em Jacarta. Parece até que houve apostas.

Entrevistador: Apostas?

EQUIPE DE ENGENHARIA MORRE SUFOCADA DURANTE INCÊNDIO EM UNIVERSIDADE NA FINLÂNDIA. CAUSAS DO INCÊNDIO AINDA DESCONHECIDAS.

MEMBROS DA MÁFIA ASSASSINADOS EM REBELIÃO NO PRESÍDIO DE BARLINNIE

Serpa: Para ver se eu ia ou não sobreviver. Foi uma cirurgia delicada. Os médicos fizeram incisões no meu cérebro, então o risco de erro era grande.

Entrevistador: E é verdade que esta obra lhe permite prever mudanças no mercado de ações? Alguns executivos financeiros afirmam que você anteviu em semanas flutuações que levaram duas mineradoras da África à falência.

Serpa: Pura loucura. Concorda que se fosse possível criar algo assim, já teria sido criado há tempos?

Entrevistador: Mas você entrou no mercado de ações, não entrou?

GALERIAS LONDRINAS NÃO PRECISAM MAIS PAGAR ROYALTIES A ARTISTAS NAS VENDAS NO MERCADO PRIMÁRIO.

Serpa: Há alguns meses.

Entrevistador: E fez uma fortuna em transações nesse pouco tempo.

Serpa: Veja bem, está havendo uma confusão. Quando fiz as pesquisas para ‘Peixe’, tive de estudar o mercado de ações. Acontece que tomei gosto e comecei a fazer meus próprios investimentos. Ganhei um dinheiro, mas não foi me aproveitando dos artefatos desta obra.

Entrevistador: Enriqueceu analisando flutuações que nem as IAs da Nasdaq ou da Bolsa de Solis Lacus perceberam. Como explica isso?

Serpa: Coincidência. Coincidência e um pouquinho de intuição artística. Alguns afirmam que criei uma obra que está acelerando o capitalismo com o objetivo de chegarmos a uma luta de classes. Tudo isso por quê? Porque fundi códigos de ações com estrofes de Maiakovski. Um repórter do Spiegel me perguntou outro dia se eu tenho acesso a informações privilegiadas. Fico imaginando se Joyce ou Schwitters passaram por tal importunação.

Entrevistador: Mas você foi sondado para ser consultor da StoneTusk, uma das maiores gerenciadoras de investimentos do mundo, não?

POR QUE A STONETUSK QUER PAGAR A UM ARTISTA £ 7.000.000 SEMANALMENTE

Serpa: De maneira alguma.

DISTÚRBIOS ÉTNICOS EM LUSAKA: COMO A QUEBRA DA BENIN COPPER DESEMPENHOU UM PAPEL CRUCIAL

A AULA DO PROFESSOR REYNOLDS

Victor Bastos é gerente de marketing, pesquisador e mestre em políticas digitais pela Universidade de Melbourne. Quando criança, adquiriu um interesse inabalável pela ficção científica ao assistir Blade Runner e ler as infinitas obras de Isaac Asimov. Além do conto publicado nesta revista, Victor também autorou o livro "A Inesperada Morte de Um Império Esquecido".

Mesmo após vários meses, ainda era difícil para Saggo Khyr acreditar em seus próprios olhos quando colocou o uniforme dourado da Alas Enterprise pela última vez. Sendo o mais novo de sua classe a frequentar a Academia, as chances dele atingir o patamar Estelar não eram exatamente as melhores, especialmente se tratando de um projeto envolto em tamanha magnitude e mistério. Agora, a milhões de anos-luz de distância, ele ainda conseguia sentir a atmosfera pesada na sala de reunião movimentada, quando a equipe ficou sabendo sobre a descoberta. *Nós encontramos a Fronteira*, Doutor Mirkh'h disse, com seus lábios tremendo de medo e curiosidade, enquanto anunciava os detalhes do limite do universo pelo microfone discreto da bancada.

Apenas alguns meses depois e lá estava Saggo, encarando a si mesmo no espelho de uma cabine apertada, enquanto se certificava que a ponta da seta vermelha no uniforme estava perfeitamente alinhada com a extremidade de sua orelha esquerda. Se tornou obcecado pela perfeição de todo o detalhe para aquele grande momento. As câmeras posicionadas ao longo de sua nave e capacete apontavam diretamente para a Fronteira, para que todo o time de vigilância testemunhasse tudo, ou a completa ausência de qualquer coisa.

O relógio de pulso bateu T menos 5 minutos assim que a rampa começou a se estender por baixo da nave de exploração. Saggo Khyr conseguia sentir o movimento mecânico com a ponta de seus dedos do pé. Prontamente, acoplou o capacete prateado em seu uniforme perfeitamente alinhado, olhando para si mesmo uma última vez. *Vinte e oito anos realmente passaram rápido*, disse para

si mesmo, passando as mãos pelo cabelo azul-escuro, penteado para o lado com precisão cirúrgica.

Pela primeira vez em mais de dez anos, ele se perguntou se haveria tempo para deixar uma mensagem para o pai, um pensamento que não poderia passar pela sua mente em qualquer outra circunstância. *Talvez algumas pessoas lidam com rancor de maneiras diferentes*, refletiu. Talvez o homem não conseguia processar a perda de uma esposa e teve que deixar tudo para trás, incluindo seu filho. Encarar a Fronteira deu à Saggo uma nova perspectiva sobre como doze trilhões de almas eram tão similares e, ao mesmo tempo, tão distintas. Quem poderia dizer onde ele estaria se fosse sempre tratado com respeito e compaixão, se fosse perdoado. Estava contente onde chegou, e Alas Enterprise era o ápice da existência para qualquer jovem da Federação. Qualquer jovem que ele conhecia, no caso.

Não havia mais tempo para refletir no passado. O Comandante Uj deu ao corajoso explorador um último discurso cativante de boa sorte através do Intercom, por onde Saggo pôde ouvir os murmúrios nervosos de uma sala lotada onde todos observavam cada movimento que fazia. As portas estavam se abrindo.

O tripulante oficial S. Khyr deixou os olhos avaliarem a nave por um momento, melancólico pelo ambiente onde havia passado os últimos oito meses de sua vida trabalhando, comendo e dormindo. Mas não havia motivo para nostalgia; ele voltaria para ela e, em breve, o universo inteiro conheceria seu nome.

Durante as manutenções do veículo, era comum para Saggo observar as estrelas cintilando através das portas entreabertas da nave enquanto ele pairava sem peso pela passagem, com nada entre o habitat e o infinito do cosmos. Ele então saltava em um belo esquecimento, sentindo conforto com o calor entregue pelos gigantes de fogo, com seus raios de energia gentilmente repousando contra o visor do capacete, acariciando seu rosto verde e jovem. Mas naquele momento, pela primeira vez em todas suas viagens, não havia nada. Uma completa ausência de tudo. *Eu realmente estou na Fronteira*, ele pensou consigo mesmo, reprimindo sua mistura de pânico e excitação. Olhando para baixo ao longo da escuridão infinita, estava a rampa por onde iria caminhar; 30 metros de comprimento, 2 de largura, instalada especificamente para aquela ocasião. A Alas Enterprise adorava dar um bom show aos investidores.

Da mesma maneira que ele havia aprendido a pular de cachoeiras e falar em público, Saggo sabia que a melhor coisa a se fazer em situações tensas era simplesmente começar, sem hesitação. Passo a passo, ele caminhou na prancha gélida, olhando para frente sabendo que seus olhos eram também os olhos de cientistas, banqueiros e diplomatas, todos encarando a escuridão absoluta através de suas lentes. A passarela terminava com dois cones de luz em cada extremidade, brilhando em um flash de branco pálido. No caso, as luzes existiam apenas quando a prancha ainda estava se estendendo, antes de atingir o comprimento final. Quando terminou, não haviam luzes; a prancha havia passado pela Fronteira.

O viajante parou de caminhar, apenas dez centímetros antes da escuridão. *Vá em frente, Khyr, Estamos aqui com você*, Doutor Mirkh'k falou calmamente pelo

Intercom. Pela primeira vez naquela curta caminhada, Saggo olhou para baixo pelo canto esquerdo da prancha, na muralha do abismo, que criava um faixo de luz côncavo enquanto penetrava o horizonte, separando o universo entre tudo que havia e tudo que não havia.

Só tinha mais uma coisa a se fazer. Saggo Khyr alcançou lentamente sua mão no nada. Havia encostado em algo.

Comando, estou tendo uma leve resposta física, ele disse, antes de perceber que não havia mais feedback no Intercom, ou os murmúrios de curiosidade dos espectadores, numa sala a uma distância inconcebível de onde estava. Quando tentou retornar para a nave, ela não estava mais lá, assim como toda nuvem cósmica ou constelação que ele conhecia. Não havia Fronteira, ou universo. Saggo havia se unido à escuridão.

Comando, me tire daqui! Ele gritou, mas não houve resposta para ecoar em seu capacete. Até na ausência de peso do espaço havia uma certa excentricidade de sensação e gravidade palpável, mas ali parecia que seus braços, cabeça e pernas não estavam realmente lá, como se sua consciência simplesmente flutuasse dentro da ilusão de um corpo.

Em silêncio, o explorador flutuou por um período indeterminado de tempo enquanto tentava estabelecer contato, como foi treinado a fazer em situações como aquela. Com certeza, havia alguém ao seu resgate. Com certeza. Enquanto se acostumava à escuridão, tornou-se cada vez mais difícil tentar manter uma noção de espaço e tempo. Se é que essas dimensões ainda existiam.

De repente, houve som. Uma breve frequência na distância que o lembrou do seu primeiro visor portátil Visioneer, em que o jovem Saggo vestia à noite em seu quarto para assistir as aventuras de Kodor Kill, o guerreiro mais valente de todo o universo. Enquanto Kodor lutava contra exércitos em sua bela armadura brilhante, os ouvidos juvenis de Saggo captavam um leve rubor de estática, como se insetos minúsculos estivessem presos dentro do visor.

Tem alguém aí? Por favor! Ele gritou novamente, com o pouco de esperança que ainda tinha em sua garganta.

Para sua surpresa, tinha.

“Ei” disse a voz, feminina e tímida. Seus tons eram tão infinitos quanto a escuridão em volta dele, vindo de todas as direções mas, estranhamente, também de dentro da sua própria cabeça.

Eu não estou mais ciente da minha posição, e preciso de feedback sobre meu resgate imediatamente. Tudo me leva a crer que fiquei cego. Coloque Mirkh’h no Intercom, agora. A voz misteriosa, por mais breve que fosse, retornou para Saggo a compreensão de quem ele era e a importância da missão que tinha naquele momento.

Quem poderia estar falando com ele? Sua nave não estava nada perto do checkpoint mais próximo da Federação. Na verdade, o seu quadrante não era conhecido por mais de cinquenta pessoas em todo o universo. *Você está recebendo o sinal do explorador S. Khyr da Alas Enterprise, módulo S3J-47. Eu exijo que você reporte essa comunicação imediatamente!*

“Olha moço, eu não acho que vai ter como” a voz respondeu, sussurrando como se olhasse ao seu redor. “Não há maneira alguma para eu te alcançar.”

Não há maneira alguma. O diálogo estava estranho demais para Saggo entender. Mas havia algo naquele momento apto a compreensão? Flutuando num mar de nada, após tocar a Fronteira e desaparecer misteriosamente. Era hora de Saggo começar a fazer as perguntas certas.

V*ocê sabe onde estou?* Ele perguntou, enquanto calafrios corriam por sua espinha invisível.

“Claro!” A voz respondeu. “Você tá na aula do Professor Reynolds!”

O Professor Reynolds consegue me tirar daqui? Foi o questionamento feito por alguém que já havia desistido de atribuir qualquer lógica para a situação.

“Ele não pode interferir, moço” a menina respondeu, com certa pena. “É um trabalho individual, nós temos que fazer essa atividade sozinhos.”

Saggo Khyr estava com medo de fazer a próxima pergunta, da qual ele inconscientemente sabia a resposta. Era uma sensação que cresceu com ele durante toda sua vida. Ele havia lido qualquer conspiração disponível a respeito, prontamente descartada pelas leis naturais da ciência e do senso comum.

O que o Professor Reynolds ensina?

“Simulação Quântica Avançada! Já ouviu falar?”

Estou familiarizado o suficiente com a primeira palavra, Saggo respondeu, sem esperança. *Posso perguntar o que aconteceu com os outros?*

“Eles foram deletados uns cinco minutos atrás, por aí” a voz respondeu. “Eu só precisava que algum chegasse no final, era o objetivo do projeto.”

E o que nós fomos? Perguntou, pela última vez.

“Meu 25 em 30 pro trabalho final! Tenho que ir agora moço, a aula acabou.”

Saggo Khyr deixou de existir.

DESCOMPRESSÃO

Foster Luppi nasceu em 1990 em São Paulo. É formado em geologia pela Unesp e trabalhou por diversos projetos em diferentes estados do Brasil. Sempre preferiu viajar e aproveitou as oportunidades de trabalho para conhecer o interior do país. Atualmente mora em Minas Gerais e escreve contos nas horas vagas, quando as rochas o permitem.

Maria limpava o suor da testa, que já começava a irritar os olhos. Os movimentos repetitivos para cavar e limpar os buracos já eram automáticos, mas sempre exigiam um esforço demasiado, e ela já não era tão nova quanto antes. Na verdade, a concentração para não levantar muita poeira e manter firme a estrutura do buraco era o que a deixava mais tensa na atividade. Nessas horas, ela pensava em como deveria ser trabalhoso antigamente, em que além desse trabalho todo, ainda havia o sol ou a chuva para dificultar ainda mais o serviço.

Ali, a mais de 200 metros de profundidade no oceano Atlântico, pelo menos ela não teria esses problemas.

Dentro de sua minúscula cabine estava bem quente, o seu ar condicionado já não funcionava direito desde que seu pai, Zacarias, faleceu, e ela havia ficado com o robô da família. Isso já tinha sido há tanto tempo que era impressionante como aquela lata velha ainda se mexia, quanto mais trabalhar literalmente sob pressão. O seu robô deveria ser um dos mais antigos da cooperativa e discutivelmente o que mais achou minerais radioativos durante seu tempo de funcionamento. Provavelmente já estava em operação antes de ter passado pelas 3 gerações de garimpeiros submarinos da família de Maria.

Os outros garimpeiros também usavam modelos parecidos, bípedes, de tamanhos variados e equipados com brocas, pás, picaretas e outras ferramentas automáticas acopladas em seus braços mecânicos. Mas, diferente dos demais, o de Maria era o único sem gambiarras para poder trabalhar naquela profundidade. Isso era motivo de orgulho para ela, que acreditava que seu robô tinha vindo com

as adaptações já de fábrica. O termo correto para aqueles modelos era R.B.T.O. (Robô Bípede Tripulado Operário) mas poucos sabiam disso ali. Ao contrário dos antigos robôs militares que se identificavam por códigos numerados, os garimpeiros chamavam os seus robôs por apelidos, como Furioso, Possante ou Quebra-tudo. O de Maria era, simplesmente, Severino.

Fazia tempo que Maria e Severino trabalhavam naquele buraco, talvez umas duas semanas, e parecia que haviam chegado onde ela queria. Logo que a broca de seu braço esquerdo atingiu a rocha mais dura, ela sabia que havia acertado a "pedra ferro" e toda a camada acima conteria os minerais radioativos que estava procurando. Agora era necessário esperar as partículas se assentarem e reforçar as paredes com vigas transversais, que impediriam de toda e estrutura de mais de seis metros de profundidade desmoronasse em cima dela. Após instalar a última viga e verificar se toda a estrutura estava boa, Maria decidiu ir almoçar enquanto a água ali ainda estava turva. Endireitou-se no assento e, em um impulso de seus propulsores, saiu da fissura sem dificuldades.

Quando pousou no assoalho oceânico deu uma olhada em volta com as câmeras frontais para se localizar. Parecia um cenário lunar, escuro, frio e repleto de crateras. Aquele ponto já estava gravado no GPS de Severino, e agora Maria só precisava encontrar algum cabo de recarga para não correr o risco de seu robô ficar sem energia durante a refeição. Ambos mereciam se alimentar, afinal. Achou um disponível a algumas dezenas de metros de onde estava, iluminado por um dos diversos holofotes que ajudavam aqueles que trabalhavam por ali a se locomoverem no breu. Sua experiência lhe ensinou que usar os propulsores por muito tempo poderia exaurir rapidamente a bateria interna de Severino, então Maria foi andando vagarosa e pacientemente em direção ao cabo, prestando atenção para não cair nos outros buracos espalhados por aquele chão escuro e lodoso.

Depois que alcançou e conectou o cabo, Maria deixou Severino em modo de espera e se aprontou para a refeição, enquanto seu robô era recarregado. Abriu um dos compartimentos internos da cabine apertada e tirou um pacote de biscoito de alga e uma lata de patê de gafanhoto. Ela gostava daquele patê, bem melhor que os caranguejos e outros raros crustáceos que ainda habitavam aquelas águas e que, por se alimentarem do lixo tóxico da superfície, tinham um gosto bem azedo.

Enquanto comia, Maria viu, no monitor da câmera superior, uma sombra passar sobre ela. Sem surpresa, percebeu que era só mais uma ilha de lixo à deriva, deixando um rastro de dejetos por onde passava. Naquele momento lembrou-se das histórias de um vídeo antigo que assistira ainda quando criança, de uma época em que as pessoas habitavam os continentes em grandes cidades e no oceano ainda havia peixes. Agora, a contaminação por metais pesados, lixo radioativo e nylon tinham extinguido praticamente três quartos da vida marinha, desde as plataformas oceânicas, e provavelmente nas planícies abissais também, só restando os poucos crustáceos de gosto ruim. Maria nunca viu um peixe em toda a sua vida. Preferia trabalhar naquela água suja e escura, no entanto, do que nas usinas de reciclagem da superfície.

Muito antes de Maria nascer, a imigração para o espaço já era uma realidade. Começou com os trilionários que, cansados de seus iates nos mares já fétidos, decidiram montar suas próprias estações espaciais para ostentar do alto o mundo que era deles. Com isso vieram os primeiros investimentos que tornaram a colonização extraterrestre possível, sendo seu ápice nas colônias da Lua e de Marte. E para lá foi uma parcela dos sobreviventes da 3ª guerra mundial, fugindo da radiação, poluição e do aumento do nível dos mares e das temperaturas. Quem ficou para trás eram os que não tinham condições para pagar a passagem, ou seja, boa parte da população, que ficou restrita às usinas de reciclagem ou às vilas submarinas.

As usinas eram os únicos lugares habitáveis na superfície e alimentavam com matéria prima a expansão das colônias espaciais. Em troca, as colônias e estações enviavam a maior parte do seu lixo para a Terra. Um grande conglomerado tinha o monopólio do lixo e ninguém mais podia reciclar uma lata de patê de gafanhoto sem que eles soubessem. Outra questão importante era a utilização de mão de obra humana na produção, muitas vezes forçada, já que os técnicos e especialistas em robótica industrial foram embora em sua maioria, e os que ficaram eram muito disputados.

Já os depósitos minerais naturais se exauriram ou ficaram economicamente inviáveis na superfície já bem antes da guerra, a única atividade que ainda fazia algum tipo de extração era a dos garimpos submarinos. As usinas conseguiam recuperar elementos como ferro, alumínio, cobalto, cobre e ouro, mas os minerais radioativos eram realmente difíceis de trabalhar, ficando a cargo das poucas cooperativas espalhadas pelo mundo explorarem essa mercadoria. Isso permitiu que os garimpos tivessem certa autonomia e não fossem alvos do cartel das usinas de reciclagem.

Não que Maria soubesse de toda essa história. Ela entendia que precisava achar o minério para continuar comendo e consertando Severino. Aliás, mantê-lo era até mais importante. Severino era, de certa forma, o único parente vivo de Maria, toda a sua família morrera em algum acidente ou, como seu pai, da doença de descompressão. Sua esposa a havia deixado há muito tempo, sonhando em fugir daquele planeta lixão e ir para o espaço. Nunca mais ouviu falar dela. Essas eram lembranças dolorosas, que faziam Maria gastar o pouco que sobrava por mês com aguardente, que tomava sozinha em seu cubículo na periferia da vila submarina em que morava. Ela havia nascido no continente, todavia fora muito pequena para aquele povoado nas profundezas.

Sua família fez parte do irônico êxodo de volta ao mar, inverso do que a natureza levou milhões de anos para concretizar com a evolução das espécies.

Satisfeita com a refeição, Maria reativou Severino, desconectou o cabo de energia e seguiu para o seu buraco. Pelos seus cálculos seriam mais umas 6 horas para quebrar uma quantidade boa de minério, carregar sua caçamba e chamar o transporte para levar o material. Com isso finalizaria mais um dia cansativo e

poderia arrumar o ar condicionado de Severino.

Chegando ao buraco, porém, Maria viu em seu monitor outros 3 robôs avaliando com lanternas o interior da cavidade recém-cavada. Isso não era um bom sinal.

Ela reconheceu dois daqueles robôs, seus pilotos eram uns moleques que Maria viu crescerem e se tornarem pessoas bem desagradáveis. Eram filhos de um dos principais garimpeiros de lá, um sujeito desprezível que preferia terceirizar o serviço pesado, recrutando qualquer desgraçado que aceitasse trabalhar quase de graça para ele. Em troca, ele os deixava trabalhar em suas áreas. O problema é que boa parte dessas áreas tinham sido roubadas de outros garimpeiros, ao mesmo tempo em que, coincidentemente, novas peças para robôs passavam a ser vendidas na vila.

Maria se aproximou do grupo, o que os fez direcionar a luz para ela, e levantou o braço direito saudando os outros três. Eles não responderam. Depois de alguns segundos, um deles, o terceiro robô, se propulsionou para frente de Maria e abriu os braços metálicos indicando para ela não prosseguir. Ela ignorou o aviso e começou a contorná-lo, mas foi impedida com um empurrão que fez Severino cair de costas no lodo da superfície. Aquele mesmo robô não só a havia empurrado, mas também já estava com uma picareta hidráulica de prontidão, caso fosse necessária. Os outros dois robôs se aproximaram para conseguir enxergar melhor a briga. Quando Maria tentou fazer Severino se levantar foi jogada no chão de novo, agora por um dos irmãos, que voltou a derrubá-la por mais duas vezes.

Maria não conseguia ver pelos monitores, mas tinha certeza que eles estavam se divertindo.

Desde que ficou sozinha, ela sabia que algo assim poderia acontecer. Maria era alvo fácil e tinha experiência em achar o minério, então era questão de tempo até eles irem atrás de uma área dela. Na vila ainda era um pouco mais difícil coagi-la, mesmo reclusa, andava bem armada e já era sabido que tiroteio em uma vila submarina poderia matar todo mundo afogado. Mas, aqui na escuridão, eles poderiam dar um jeito nela sem problemas. Nenhum homem ali gostava de matar mulher, não por compaixão, mas por ser um desperdício de prazer que poderia ser usufruído ou vendido.

O jeito era aceitar, tentar fugir e procurar outro canto para trabalhar.

Pelo menos seria, se Maria não tivesse sacado sua faca de plasma e, com ajuda dos propulsores laterais, enfiado-a onde seria a barriga do robô mais próximo dela. Essa faca era outro equipamento de fábrica de Severino, usada para cortar cabos de aço ou caçar crustáceos, mas que a família sempre havia usado nesse tipo de situação.

Os outros robôs não se moveram imediatamente, como se não tivessem entendido o que havia acontecido. Eles nunca devem ter participado de uma briga embaixo d'água, pensou Maria. Já ela, tivera seus bons anos de peleja no seco e no molhado. O ataque surpresa funcionou, e ela fez um corte transversal no bucho daquele abusado que não seria tão profundo, mas o bastante. O local não

foi aleatório, ela sabia que a proteção naquela região costumava ser mais fina. A melhor técnica era fazer um triângulo com a faca e deixar a pressão da água fazer o resto, inundando a cabine do piloto.

Maria fez Severino ficar agarrado no outro robô enquanto o cortava, usando os propulsores para se afastar dos demais. Seu adversário tentava se soltar usando os próprios propulsores, o que os fazia se distanciar ainda mais de onde estavam. Por fim, Maria largou-o e, de início, pareceu que sua operação não tinha dado certo. Até que finalmente o local do corte estourou e soltou um turbilhão de bolhas de ar. O robô adversário ainda tentou ir para a superfície, mas a água devia ter afetado o sistema elétrico. Em pouco tempo, ele parou de se mover e afundou.

Agora Maria estava longe de seu buraco e fora da área do garimpo. Lá as águas estavam bem mais escuras e pelo jeito mais profundas. Ela desligou as lanternas de Severino para tentar se esconder na escuridão, mas era tarde, já a haviam encontrado. Um deles, o irmão do primeiro assaltante, veio por cima e pegou Maria desprevenida, imobilizando o braço de Severino com a faca. O outro robô golpeou o ombro de Severino com a picareta hidráulica, tentando arrancar seu braço direito. Ele acertou o primeiro ataque, inutilizando o braço de Severino e deixando-o preso por alguns poucos cabos.

Maria agiu rápido e empurrou, com as duas pernas de Severino, o robô da picareta, aproveitando o movimento para fazer uma pirueta, ficando por cima do outro robô. Sem pensar duas vezes, ela deixou o braço danificado ser arrancado, o que lhe deu liberdade para usar a broca do braço esquerdo de Severino. Com a ajuda dos propulsores, derrubou o robô adversário no chão e começou a britar suas costas.

Ela gritava de raiva de dentro de sua cabine enquanto perfurava. Estava com ódio deles, não por tentarem roubar sua área, mas por danificarem Severino daquele jeito. Ela acelerou ao máximo os propulsores, e a broca começava a avançar no metal. Frenética, começou a rir quando, em um tranco, atingiu a bateria do inimigo, que passou a fazer movimentos mais lentos, tentando escapar da agressora. Ela só parou de britar quando já estava fundo o bastante para ver o sangue saindo da fissura na lataria.

Maria esperou que o último robô fosse atacar antes de ela terminar de finalizar seu companheiro, todavia, aparentemente ele preferiu fugir, as baterias deviam estar no fim ou ele pensou que fosse melhor contar ao chefe que ele acabara de perder dois de seus filhos.

Mas Maria não se tranquilizou, quando a adrenalina diminuiu, ela pode sentir que seus pés estavam frios e molhados. Do seu lado direito escorria uma fina camada de água fedorenta e salgada. Alertas de dano e rompimento piscavam em pequenos painéis na lateral da cabine. Junto deles, também estava aceso o indicador de bateria baixa.

Maria então acionou as boias de emergência. Quando se sofria algum acidente embaixo da água e havia tempo para tentar se salvar, alguns robôs tinham essas boias que rapidamente inflavam e os levavam para a superfície, onde pelos menos

não se morreria sem ar. Infelizmente somente uma das boias de Severino pareceu funcionar, a outra provavelmente tinha sido rasgada durante o ataque, o que deixou o robô suspenso, nem afundava nem subia, ficando à mercê da corrente oceânica, que começou a levá-lo junto com Maria para longe do continente.

Ficaram ao deus-dará por vários minutos. Maria se esforçou para impedir o vazamento mesmo sabendo que não escaparia, pois o instinto a impedia de desistir sem tentar. Sentiu um tranco do lado esquerdo e a sensação de estar caindo. A segunda boia finalmente havia estourado e eles agora afundavam lentamente nas profundezas do oceano.

Maria então respirou fundo e relaxou o corpo. Aceitou a situação e olhou à sua volta. Passou a mão suada nos painéis internos de Severino, procurando lembrar cada detalhe daquele local em que passou a maior parte de sua vida.

Pensou na esposa. Será que ela conseguiu escapar daquele planeta? Pensou na família que não existia mais, será que se encontrariam em breve? Pensou no pai que talvez fosse ficar bravo pelo estado do Severino. Pensou na vida miserável que tinha levado até aquele momento. Procurava paz em algum lugar.

A lataria do robô começava a ranger. Deveriam estar bem fundo e muito ar havia escapado da cabine, já ficava difícil de respirar. Maria torcia para que a falta de ar viesse antes de ser esmagada pela pressão da água.

Uma das câmeras ainda estava ligada quando atingiram o fundo com um baque. A tela do monitor estava preta devido à escuridão. Foi quando, sem Maria a acionar, uma das lanternas de Severino ligou. Ela já estava perdendo os sentidos e olhou para o monitor sem ideia do que estava fazendo.

Então viu algo se mexer do lado de fora. Era algo longo, cinzento e rápido, que passou bem na frente da câmera e fugiu. De repente outro vulto e mais outro. Aquelas criaturas pareciam atraídas pela lanterna de Severino e se aproximavam com curiosidade. Não eram bonitas, suas cabeças tinham grandes olhos que pareciam cegos e bocas abertas por causa dos dentes longos e delgados. Seriam peixes? Por um momento, Maria comparou aqueles bichos com ela e os outros garimpeiros. Feios, escondidos no escuro e sem perspectiva de voltar à superfície. Mas, acima de tudo, corajosos por ainda assim tentarem sobreviver a qualquer custo naquelas condições.

Maria deu uma última risada fraca e disse:

- Obrigado, Severino.

HIGH TECH, LOW LIFE

Laura Ribeiro nasceu em Belo Horizonte no ano de 1992. Coleciona cartuchos de GameBoy, material de desenho que nunca saiu da caixa e projetos não-finalizados de NaNoWriMo. É autora de contos de ficção científica como "Logout: Digital Tesla" e "Doze Mil Chips", e quadrinhos como "Assasácabra" e "Kamikaze". Como autora, trabalhou no Jornal Letra A, da Faculdade de Educação da UFMG, no site de games Garotas Geeks e nas revistas Elástica e Você S/A da Editora Abril. Hoje é mestranda em Estudos Literários na UFMG e entusiasta das comédias de Shakespeare.

HIGH TECH, LOW LIFE

O grafite cor-de-rosa ainda parecia fresco quando ocupei meu lugar na fila da NeoCruz. Chamar de "*low life*" o que vivíamos aqui na Necrópole era eufemismo. *Vida* é para quem vive, não para quem sobrevive.

— 435. — A voz de simulacro soou pelo alto-falante, fazendo com que a fila andasse e, um a um, carregássemos o corpo daquela centopeia de mil pés.

Olhei por cima do ombro, para a multidão que ia atrás de mim, e soprei aliviada. Dormir na fila era um inconveniente que valera a pena. Vendi meu lugar, mais à frente, três vezes, e agora tinha crédito o suficiente para sobreviver a mais uma semana na fossa que era a Necrópole.

Daqui, da sarjeta, vivíamos das migalhas excretadas pelas colônias em órbita. Os *high-life* providenciavam-nos com todo tipo de recurso que tornasse nossas vidas mais miseráveis: descartes, crenças e doenças.

A novidade agora era uma infecção que embrenhava no corpo e dissolvia a parte inorgânica da matriz óssea. Se você sobrevivesse à dor de ser desossado, logo morreria com o deslocamento dos órgãos internos. Um, dois, três dias de profunda agonia e depois membros amolecidos e resposta retardada do sistema nervoso. Do que sobrasse dele.

— 437.

A NeoCruz vinha disputando a corrida das megacorporações das colônias. Descobrir a "cura" para a enfermidade com a qual nos haviam abençoado era um favor milionário com patrocínio estatal e nós, da Necrópole, éramos os ratos

malnutridos de seu laboratório.

O Estado da colônia governa para os que estão em cima e caga nos que estão embaixo.

— Literalmente. — A figura à minha frente respondeu, indicando, com os olhos, a tubulação desgastada que tremia ao nosso lado. *Ótimo*, pensei, *uma neuro-receptora.*

Ela riu.

— Não é como se eu quisesse ler os seus pensamentos... — continuou. — Mas você estava pensando tão alto e... essa raiva toda acumulada definitivamente não faz bem.

Suspirei.

— *Raiva é veneno que a gente bebe sozinho.* — Falou com voz de propaganda, imitando o anúncio do novo módulo de apaziguamento cerebral que vinham anunciando pela cidade. — Então eu prefiro... dar vazão.

Algo de perigoso pareceu sibilar no sorriso que eu não vira. A máscara que cobria tanto a boca quanto o nariz escondia também as expressões que oscilavam naquele rosto arredondado.

— E eu vi... — continuou sem cerimônia, sem esperar que eu sequer esboçasse uma reação. —...que você tem uma dessas!

Dobrou a manga da jaqueta e exibiu a tatuagem imensa da NeoCruz que se alinhava à de outras empresas do ramo da saúde. BioCortex, MagmaNeural e DeltaSafe competiam pela posição de destaque naquela pele ressecada. Um verdadeiro outdoor humano, decorado com a prova do desprezo com que nossos corpos eram tratados.

— Uma bomba-relógio. — Respondi, enfim. Aquela infinitude de carimbos só podia indicar uma coisa: aquela mulher vinha se sujeitando a todos os testes oferecidos pelas empresas, sobrevivendo, sabe-se lá como, à interação dos componentes que insistiam em nos injetar. Era uma bomba, e estava prestes a explodir.

— Essa é sua segunda sessão? — Ela respondeu, simulando um sorriso com os olhos. — Você sabia? Eles já têm a cura.

Franzi o cenho.

— Está lá dentro. — Apontou para o alto. — Mas precisam de mais dados.

— Todo experimento precisa de dados.

— Não, bobinha. — Aproximou o rosto até que seus olhos refletissem apenas os meus. — Nós somos os dados. Eles querem pânico, histórias para contar. Quanto mais desespero, mais os ricaços da Colônia estarão dispostos a pagar.

Observei-a com um súbito amargor na língua.

— Não é como se tivéssemos escolha. — Falei, afastando-me. — Ou nos sujeitamos aos experimentos e torcemos para dar certo, ou nos decompomos na vala aberta que se tornou a Necrópole. — Parei um instante, conferindo o número do visor. 443. — Aqui embaixo nós já nascemos mortos.

Ela riu.

— E aqui está você, mendigando créditos em troca da vida que já dá como terminada. — Ela conferiu o visor e voltou a atenção para mim, os olhos brilhando. — Se está tão ruim assim, eu posso te ajudar, o que acha? — Meteu a mão no bolso da jaqueta e sacou uma pistola cromada e, antes mesmo que eu tivesse tempo de reagir, girou-a nos dedos e pousou o cano contra meu peito. — É só pedir — soprou. —, e eu termino o trabalho mal feito do destino.

Hesitei e, sem resposta, ouvi-a gargalhar. Ela sabia exatamente o que se passava em minha mente.

— Mas você não consegue. — Falou com tanta certeza que me vi assentir, ofegante. — Nascemos nesse esgoto e somos encorajados a aqui permanecer. Não tem vida pra gente nem do lado de fora, nem do lado de dentro, mas, mesmo assim, nós insistimos. Você sabe a razão?

— Por que está me perguntando isso?

— Porque você sabe. Eu ouvi, aqui dentro — tocou na lateral da própria cabeça com o indicador. —, você sabe. A política de apaziguamento adormece nossos sentidos, mas você não. Você sofre e persiste. Por quê? É só apertar o gatilho e pronto, tudo acaba. Tudo. Vida é para quem vive, não para quem sobrevive, não foi isso o que pensou?

— O que você quer com esse papo? — Perguntei com a garganta seca.

— Quero te dar uma chance. — E, com a expressão em puro êxtase, pousou a pistola na minha mão. — Você já está morta. Todos nós estamos. A diferença é que alguns cairão na primeira e outros na terceira dose. Ninguém passa disso.

— A menos que...

— É. A menos que... — e apontou mais uma vez para o alto. Não precisou terminar a frase.

— 456.

Ela sorriu, acenando para o balcão que chamava seu número. Virou-se uma última vez para mim e gesticulou, puxando a máscara para baixo. De sua boca não saiu som, mas vi as sílabas se formando no ar entre nós.

— *Você já está morta.*

Observei-a partir e, estática em meu lugar, tive meu corpo lançado para a frente pela fila que ainda se estendia atrás de mim.

Duas doses, e da terceira não se passa. Era minha chance, não? Talvez me apagassem sem dor. Não veria meus ossos escaparem pela pele, não veria meus órgãos esmagados por mim mesma. Uma injeção e talvez tudo terminasse. Uma bomba-relógio, nós duas, a diferença é que eu já sentia meus ossos estalarem.

Olhei para cima, para a colônia que pairava sobre a Necrópole, e notei a pistola pesar entre meus dedos.

HIGH TECH, LOW LIFE.

Uma vida de dejetos forçados em minha garganta e de misérias emolduradas na parede de nossas celas. Vida é para quem vive, não para quem sobrevive.

E nós já estávamos cansados de só sobreviver.

ALARME 147

Vitória Vozniak é Mestra em Escrita Criativa com Pós em Produção Editorial. Ganhou 1º Lugar no Concurso de Microcontos de Terror da Editora Suma. "For Those Who Stay", conto de ficção científica, foi publicado em inglês e japonês pela Rikka Zine. Para conhecer essa e outras obras, leia mais em vitoriavozniak.com.

Antes, o nascer do dia trazia consigo esperança. Agora, alarmes acompanham os primeiros raios de sol. Há muito não se ouve o cacarejar de galos, o piar de maritacas ou até o arrulhar de pombinhas. Os animais se tornaram raros, quietos. Não existem mais as frondosas árvores, com seus galhos repletos de ninhos. A floresta foi destruída como se uma grande mão invisível a agarrasse e cerrasse os punhos com a força necessária para a esfarelar até virar grão de areia.

Se antes Letícia se irritava com o cantar dos bem-te-vis que a faziam acordar, agora sente falta de qualquer som que não seja o Alarme. Incrível o quanto o mundo mudou em tão pouco tempo. Tudo bem que a história sempre foi cercada de mudanças e que tudo o que aconteceu, a Terceira Grande Guerra, os Fogos, a Grande Devastação, já estava sendo alardeado pelos cientistas há anos. Mas ela nunca acreditou que aconteceria com ela até que aconteceu. A perda de contato foi imediata.

Sorri ao se lembrar das bobagens que sua mãe lhe mostrava na tela do celular. Ela ainda guarda o aparelho como recordação de tempos melhores, tanto do passado quanto do futuro. Sua falecida psicóloga diria que isso é sim uma pontada de esperança, mas Letícia não tem mais certeza de nada.

Por um instante, sente seu celular vibrar, mas logo volta à realidade: um estrondo estremece tudo a sua volta, abrindo uma rachadura preocupante no teto do abrigo subterrâneo. Vai acontecer de novo. Ela agarra e empurra a cama improvisada para dentro da mochila, e com gestos rápidos termina de colocar seus últimos pertences, deixando um único objeto de fora: sua IMBEL 9 M973. É,

as pistolas ainda são bem populares naquele fim de mundo. Sua última ida aos Escombros da Fábrica de Itajubá lhe rendeu alguns pentes da Parabellum 9mm, o que garantia, em tese, tiros rápidos e certeiros. Durante um combate é preciso muito cuidado para não fazer os abrigos desmoronarem em cima de si, e por isso o recuo dado pelo tiro era de extrema importância. Na maioria das vezes tudo isso era travado na quase absoluta escuridão.

Dessa vez, uma forte luz invade sua área e Letícia não fica para ver se o teto acabou de desabar ou se alguém se infiltrou e estava usando uma lanterna para verificar se havia outro ser ocupando aquele espaço. Ela abre a pequena porta feita de madeira reciclada e a quebra ao sair, impedindo que outra pessoa consiga seguir seus rastros. Uma Terra sem apegos. Ela não olha para trás e segue tateando seu caminho de fuga, penetrando seu corpo pelos espaços apertados da trilha. Uma areia fina invade seus pulmões e é preciso segurar o espirro que pode revelar sua localização. Ela coloca a mão na parede, sente sua espessura, umidade, temperatura. Percorre os dedos pela superfície arenosa, procurando os locais mais firmes que indicam o caminho para um possível novo abrigo.

O peso em suas costas aumenta conforme passam as horas. As pernas de Letícia começam a tremer, sua língua move-se pelos lábios ressecados. Ela sente uma vontade urgente de molhar a boca, algo que está evitando há muito tempo. A água é cada vez mais preciosa e escassa. Ela para por um instante e imagina a sensação da água tocando sua pele. Já passou por essa situação diversas vezes. A sede é uma constante. Então, sua perna cede e ela se deixa cair. Sentada, começa a desamarrar as cordas do bolso de fora da mochila, sua vontade crescendo enquanto ela desfaz os nós e sua mente é inundada por imagens de água corrente, de uma torneira sendo aberta, de um copo translúcido cheio até a boca e Letícia não consegue formar nem uma lágrima apesar de sentir a garganta apertada e tudo é envolto em mais um estrondo do qual ela se protege formando uma concha com os braços.

Sua bacia metálica se desprende da mochila e rebate tilintando em estalidos que reverberam pelos corredores. Seu primeiro instinto ao se levantar é tocar na garrafa de água a qual percebe ainda estar consigo. Não há muito tempo para pensar e começa a correr no escuro seguindo a direção contrária dos sons. A bacia. Ela precisa da bacia. Ela precisa voltar pela bacia. Em um troca de pernas ela se vira e saca a pistola. Calma. Letícia, calma. Ela fecha os olhos apesar de não estar vendo quase nada em uma tentativa de estabelecer onde mirar.

Um urro contínuo denota a presença de algo vivo e se movimentando na sua direção. Ela abre os olhos e atira. O rebote da arma é acompanhado de um corpo massivo que empurra seu ombro esquerdo, fazendo ela bater as costas na pedra fria. A bacia. Onde está a bacia. Letícia sabe que atingiu o alvo, mas continua a ouvir bufadas de uma respiração raivosa, sente o calor da presença de algo que quer matá-la. Ela começa a chutar o chão à procura da bacia, levantando um pó que volta a irritar seus pulmões. Seu pé esquerdo se depara com algo sólido e naquele ínfimo instante ela precisa decidir se atira ou não, com a possibilidade de acabar furando um de seus pertences mais valiosos. Letícia atira e ouve o urro

aumentar de volume e aproveita para mirar exatamente de onde ele sai e atira mais uma vez, fazendo com que o grunhido vá diminuindo até virar uma respiração leve e então mais nada.

Tem vontade de chorar, mas logo é interrompida por um novo estrondo, que faz ela se agachar. Uma areia grossa começa a se infiltrar no ambiente, saindo de pequenas rachaduras no túnel. Ela se apressa em procurar a bacia de metal, vasculhando o chão com os pés, enquanto ainda mantém a arma em riste. Sente a areia escorrer pelo seu corpo, e volta a fechar os olhos, para protegê-los. Um timbre metálico anuncia o encontro de sua bota com a bacia, que ela coloca virada em cima de sua cabeça, usando-a como escudo. Sente que o teto está cada vez mais perto e se não sair dali vai ser logo soterrada. Caminha como dá, agachada, com as pernas dobradas. Suas coxas começam a doer cada vez mais, em um esforço que não acaba nunca. Sua musculatura está fervendo como o deserto que está logo acima de si.

O tempo ali é uma incógnita. O único marcador conhecido é o Alarme, que anuncia os primeiros raios de sol. Depois, é um grande vazio. No começo, o escuro constante gerava muita sonolência e ela caía facilmente no sono. Nunca mais pode dormir com a luz acesa. Nunca mais pode pedir para sua mãe deixar a luz acesa antes de sair do quarto. Nunca mais sua mãe... A escuridão era sua nova amiga. Em um ambiente escuro, todos são sombras.

Ela sente uma leve vibração, como se o celular voltasse a tocar e ela tivesse a oportunidade de atender e ouvir a voz de sua mãe. Podia ser qualquer coisa. “Coloca um casaquinho.” Mãe, aqui embaixo não sinto tanto frio. “Tá se alimentando bem?” Mãe, aqui a comida é muito escassa. “Leva o guarda-chuva quando sair.” Mãe, aqui não chove nunca. Aos 34 anos, Letícia sente cada vez mais a falta de sua mãe. Ela ouvia isso dela, que “mãe é para sempre” e quanto mais velho a gente fica, mais quer voltar para o útero.

Ninguém nos prepara para a morte. A nossa, a do outro. Letícia nunca realmente se acostumou com aquilo tudo, e considerava isso bom. Não tem que tornar a morte banal. Ela pode ocorrer todos os dias, mas ela não é banal. Ela percebe que o teto volta a se distanciar e suas pernas voltam a caminhar esticadas. Não é mais preciso usar a bacia como escudo, e ela voltar a pendurá-la na mochila. Aos poucos o ar se torna mais limpo e o chão se parece mais com um de uma caverna, em vez dos buracos de areia em que se abrigava. Seu pé chuta algo que rebate na parede e faz um leve barulho metálico. Com o tempo, ela aprendeu a distinguir as diferenças dos tons dos metais. É uma lanterna.

Ela se agacha para pegar o objeto e sente que uma parte ainda está presa nas mãos de alguém. Percorre as mãos pelo chão e percebe que esse corpo também está soterrado, causa de morte um tanto comum por ali. Ela abre a tampa da lanterna e verifica que uma das pilhas está estourada. Procura em sua mochila pelas outras pilhas que recolheu pelo caminho. Testa a primeira, clica no botão e continua no escuro. Testa uma segunda, liga o botão e o ambiente é atingido por um fraco fecho de luz, o suficiente para a caverna tomar contornos.

Letícia testa as outras pilhas, descarta as que não funcionam e volta a caminhar. Logo encontra uma passagem pequena o suficiente para conseguir passar e empurrar depois a sua mochila para dentro. Passeando com a lanterna pelo espaço ela observa a forma de um iglu. Há uma pedra logo ao lado, perfeita para fechar e disfarçar a entrada. Seu comportamento muda. Os músculos relaxam, ela joga a mochila para o lado, se ajeita em um cantinho. Passa um pano seco pela pele, para retirar o pó acumulado. Desamarra os cadarços e em um solavanco arranca as botas apertadas. Massageia os pés marcados, passando os dedos pela pele sensível.

De pés descalços, se levanta e faz um breve alongamento, caminha pelo seu pequeno espaço novo, sente a sola do pé se adaptando ao solo. Vai até a mochila e retorna com seu saco de dormir, alguns panos e frutinhas secas. Arranja os lenços na cama, e se deita, mordiscando um café da manhã que virou almoço e janta. Arranja a pistola ao seu lado, logo abaixo da lanterna, que segura com uma das mãos. A outra mão vai e volta no saquinho de guloseimas secas. Ela aponta a lanterna para o teto e observa as silhuetas das pedras e vai mirando outros lugares, conhecendo sua nova casa. Ao apontar a luz para o seu lado, observa riscos na parede, retos, quadrados. Faz um rápido cálculo mental. Da última vez, marcou 37 Alarmes, antes, 42 Alarmes, 56 Alarmes, 12 Alarmes. Dão 147 alarmes. Pega uma pedra e risca um círculo separado, marcando ao lado o Alarme de hoje. Coloca a lanterna de volta, ao lado da arma e coloca o dedo em cima do botão, decidindo por não apertar. Permanece assim, deitada, terminando sua refeição e olhando para o teto. Sente seus olhos fechando, coloca a mão em cima da barriga protuberante e começa a cantarolar “nana neném que a Cuca vem pegar...”

UNIÃO

Gabriel Candido é escritor, ator e palhaço. Amante de histórias desde criança, atualmente cursa artes cênicas e se descabela com o uso da crase enquanto divide a atenção entre escrever contos e peças de teatro.

Podem me chamar de radical. De todas as coisas que eu quero, ser *radical* é, de longe, minha preferida. A União pode me acusar de terrorismo, na verdade ela pode me acusar de muitas coisas. Mas como serei terrorista se nunca fiz nada além de socar o travesseiro até dormir? É difícil não ser radical quando eles invadem seu país, é mais difícil ainda fazer algo contra os mais fortes.

Ontem eu vi um grupo de soldados espancando um sujeito a dez metros do meu trabalho. O motivo? Não sei. Ele parecia normal, sua roupa estava impecável, seu cabelo milimetricamente cortado. Escorria sangue de sua boca e manchava os nós dos dedos dos soldados.

Não sei direito como o resto do país está. As telas espalhadas pela cidade mostram os governantes da União, todos sorriem como se tivessem ganhado na loteria. Sinto saudades da loteria, fazer minha fé e perder tudo nos bolões, tudo exceto a esperança. Às vezes ainda me pergunto de que ela vale nos dias de hoje.

Me sentia mais seguro com a nave. Chego a sentir saudade da insignificância que um corpo alienígena causa nas pessoas.

Às vezes me pergunto como seria se tivesse chegado em outro lugar. Se tivesse parado sobre os Estados Unidos, será que ele seria *colonizado* como fomos? Queria ter criatividade para pensar em histórias alternativas, onde o ser humano dava a volta por cima e os colocavam pra correr sem precisar de toda essa palhaçada de União.

"Os colocavam" é meio que um tiro no escuro, até hoje não se sabe quantos são. As chances de serem milhares são as mesmas de serem apenas um ou

ninguém. Pelo menos ninguém vivo.

Pouco me perguntei sobre o motivo. Não me parece algo a ser questionado, não mais. Coisas grandes têm seus motivos de *ser.* O mundo parou, atacou, destruiu boa parte do norte no processo, o *nosso* norte e parou novamente. Quando digo "*parou*" é *parou* mesmo. As guerras não são nem mais cogitadas, pelo menos não como acontecia antigamente. É fácil entender o motivo quando algo indestrutível e medindo um quilômetro e meio de altura surge em seu planeta.

Não sei se os dados entregues pelas telas são reais. Às vezes gosto de achar que são. Me sinto confortável. A poluição nos oceanos diminuiu, as calotas polares pararam de derreter. Penso que a nave está nos ajudando, de uma forma ou de outra. Às vezes é reconfortante. Às vezes é assustador pensar no que os alienígenas estão fazendo por nós enquanto nós nos destruímos. *A grama do vizinho é sempre mais verde.*

Ninguém viu a nave chegar, ela apenas surgiu. Talvez estivesse ali desde os primórdios do mundo, mas invisível, incorpóreo. A manhã de 25 de setembro de 2020. As primeiras imagens a se espalharem pelo mundo vieram de um drone. O fotógrafo Adilson de Oliveira estava perto, filmando um documentário. Bom, de uma forma ou de outra acabou conseguindo seu documentário. As imagens mostravam um grande objeto negro com detalhes brancos. Não era maciço, era possível ver onde as placas foram soldadas. Não se parecia em nada com um prédio. Lembrava bastante as naves de qualquer filme de *sci-fi*. Até hoje não sabemos do que foi feito. Parecia metal. Ele não flutuava, tocava o chão com delicadeza suficiente para não fazer nenhuma ondulação na terra vermelha, como se pesasse um grama.

As políticas do Brasil não foram as melhores. Prenderam em quarentena todas as pessoas no raio de cinco quilômetros da nave – se é que podemos chamar de nave –, as bombas foram o suficiente para levantar poeira e matar qualquer coisa que estivesse a dez quilômetros. Esse foi apenas o ataque nacional. Os Estados Unidos tentaram, cinco bombas, assim como a Rússia, China e boa parte da Europa.

Assinaram algum tratado de estudo científico. É engraçado quando paramos para pensar na flora e fauna que foram dizimadas antes que resolvessem preservar a integridade do mundo com um rabisco em um pedaço de papel. Não sei quem propôs a criação da União, mas tenho um bom palpite. Não demorou muito para os telões serem espalhados pelas principais capitais do Brasil e algumas pessoas com uniformes brancos surgirem falando da união das nações em prol da humanidade e *pipipipopopo*.

Um deserto se formou ao redor do objeto. É uma imagem aterradora e solitária, não que o resto do país também não evoque a mesma sensação. Nenhuma árvore ou restos de construções. Só uma grande faixa de terra vermelha cercando o grande bloco negro e branco que zomba de nossa humanidade. Às vezes uma nuvem de areia se forma, dança por alguns quilômetros e desaparece. Gosto de pensar que é obra deles, uma forma de brincarem conosco.

Faz dois anos. Dois anos sem nenhum contato com a nave. Dois anos que não durmo direito, temendo um ataque, que surjam mais ao acordar ou que a União

resolva parar de fingir amizade conosco. Podem surgir sobre minha casa, sobre minha cidade. Muitas crianças nasceram no mundo pós nave. Elas não conhecerão a paz das discussões sobre sermos indiferentes perante o universo, apenas poeira de estrelas. Já nasceram sabendo que não são nada para o cosmos e menos ainda para os outros países.

Alguns brasileiros tentam chegar perto da nave. São alvejados pelos casacas brancas que vivem nos acampamentos no entorno. As imagens são transmitidas nas telas por todo o país. Um homem da União aparece no final, pedindo para que nos afastemos do objeto. *Muito ajuda quem não atrapalha*, concluiu ele.

Não sei mais se meu país é meu de fato. Ando pela rua e encontro pessoas bem vestidas com suas roupas brancas e a bandeira da União costurada no ombro, falando línguas que não conheço. Os nativos daqui evitam a rua, aqui no Rio virou comum desaparecer sem deixar nada além de uma amarga lembrança para trás. Se você some, seus amigos e familiares só podem lembrar de você; qualquer conversa sobre o assunto pode ser considerada um complô.

Boa parte dos casacas brancas conversam em uma língua que não conheço. Já tentei imitar os sons, mas parecem impossíveis para uma língua desacostumada. Estamos sendo expulsos pouco a pouco de nosso próprio território. Não pelo ídolo alienígena, mas pelos cientistas, bases militares da União e empresas de tecnologia. Eles me tratam como animal. Sinto seus olhares de superioridade ao verem meu sotaque, por isso evito falar.

Vivo em um pequeno conjunto habitacional, ele existia antes da União chegar. Demoliram quase um bairro inteiro para construir uma base de pesquisa. Sei que não é pesquisa. Helicópteros chegam e vão embora com tanta frequência que parece um estacionamento rotativo. Uma bandeira branca com um traço negro na horizontal foi espetada no muro que cerca a base. Não posso olhar muito. Tenho medo de ser morto. Mesmo assim, toda noite apago as luzes de casa e vou até a janela.

Vejo tropas correndo uniformizadas para cima e para baixo, estão treinando. Por alguns instantes parecem correr acima do limite humano. Carros vão de um lado pro outro carregando pessoas metidas dentro de ternos brancos. Consigo sentir o cheiro de carne assada, mas pode ser coisa da minha cabeça. Conto vinte soldados vigiando o muro. Não demora muito para um jipe entrar pelos portões e estacionar em frente ao prédio principal. Quatro soldados vão ao seu encontro e tiram do banco de trás do carro uma pessoa encapuzada de mãos algemadas. Eles a arrastam para o prédio principal. Isso se tornou uma visão cada vez mais comum.

Fecho a cortina quando um deles vira a cabeça em minha direção. Sei que não me viu, meu quarto é longe e escuro o suficiente, mas a União não precisa de provas, basta uma leve impressão para o *em prol da humanidade* fazer efeito.

Queria me mudar, não sei, morar na floresta parecia uma ideia interessante.

Deito em meu colchão e volto a comer minha ração. Tem gosto de trigo molhado e a consistência é de uma pizza bem mastigada e vomitada. As pessoas nas ruas sussurram que devemos ser gratos, em outros lugares no mundo as coisas estão bem piores. Falta comida em toda a América Latina, com exceção do Brasil.

O que chega até nós, pessoas comuns, é essa ração. Três latas por dia. Tudo que os mercados vendiam era entregue diretamente nos pontos de abastecimento militar e de lá eles manejam até outras bases mais distantes e centros de pesquisa.

Existe a opção de comer nos refeitórios espalhados pela cidade. Nunca estive em uma prisão, mas desconfio que seja parecido. Soldados da União colam as costas nas paredes e te observam comendo, como versões *escrotas* de estátuas gregas. Grandes mesas se espalham pelo salão, as luzes são tão fortes que distorcem qualquer cor deixando a mais branca. O som de talheres raspando o fundo dos pratos consegue suprimir o barulho das conversas. Você pode repetir uma vez, mas é extremamente deprimente, prefiro comer pouco enquanto me auto enclausuro do que ser enclausurado pelos outros.

Em prol da humanidade.

Fecho os olhos. Não sei se cheguei a sonhar ou se fiquei de olhos fechados até o dia nascer.

Uma sirene toca no fim da minha rua. Dizem que é para acertarmos os relógios, mas eu sei que é para nos acordar. Devemos ser trabalhadores exemplares, *em prol da humanidade, é claro*. Eles implementam coisas pequenas no seu dia a dia, quando você perceber, vai ser tarde demais. *Pelo menos a nave não tomou nossas cidades*.

O caminho até o trabalho não é muito curto, vou andando para economizar e chego lá em uma hora. Nos melhores dias consigo fazer o trajeto em quarenta minutos. Faz um tempo que não tenho um bom dia. Nossos salários foram congelados desde o *evento*. Vieram com o papo de "*focar nossas riquezas na proteção interna. Asseguramos que os preços não vão aumentar. Mas por enquanto, precisamos lidar com o objeto em nosso território*". A pior parte é que eu acho que falavam sério. Pelo menos em uma parte ou outra. Em um ano surgiu a moeda da União. Pedaços de plástico coloridos funcionam como cartões de crédito. Tenho um verde, é só passar em frente às máquinas da União para pagar. *Papel é poluente*, disse a União. Pelo menos as latas de ração são de graça. Sobra um pouco de dinheiro para uma firula ou duas. O que significa comprar uma roupa ou uma sacola de pregos para algum reparo. Não temos muitas firulas.

Caminho pela calçada, afundando meus pés nas poças, essa é a única forma de caminhar pelas calçadas. Vejo bancas de jornais, são poucas as manchetes em inglês, mas existem. Minha mão coça para quebrar o vidro e rasgar página por página. Dois soldados da União estão lendo, suas auras afastam qualquer civil. Me aproximo deles, sinto o coração acelerar, parece que estou fazendo algo errado. Quero cuspir neles, mas só olho para as manchetes. Ombro a ombro com os soldados. Me pergunto se foram eles que estavam batendo no homem perto do meu trabalho.

Parece obrigação de toda primeira página do jornal ter a imagem da nave. Não me dou ao trabalho de ler o que dizem. Quando é algo realmente importante aparece nos monitores instalados pela cidade. Quando não, vai para os jornais impressos.

Fecho o zíper do casaco e me afasto dos dois. Olho para trás em um gesto de desafio quase infantil, eles estão indo na direção contrária. Desaparecendo entre a multidão. O vento é gelado e traz consigo um cheiro de gasolina. Não existem

postos nesse bairro, algum maluco deve ter deixado a gasolina acabar no meio da rua e quando foi por derramou um pouco do galão. Não dou uma semana para a União sumir com ele *em prol da humanidade*.

Paro em frente a faixa, mais como uma forma de reviver o costume, do que para segurança. O fluxo de carros não é mais o mesmo. As pessoas passam por mim, grande parte carrega guarda-chuvas fechados e pendurados no braço. Por um momento, sinto-me uma pedra no meio do rio, e a forma como elas abrem espaço, passam por mim e se encontram novamente à frente me ajuda a recobrar um pouco da significância de estar vivo.

Sou um problema grande o bastante para que elas desviem de mim.

Gostei da frase. Me imagino voando, vestindo uma capa, com os olhos incandescentes dizendo para a multidão.

Abaixo a cabeça e atravesso a rua.

O cheiro de gasolina fica mais forte. Me envolve como se eu estivesse sobre o reservatório de um posto. Por um momento tenho medo de pegar fogo e olho para baixo para ter certeza de onde estou pisando. Dois soldados passam correndo, os mesmos que estavam na banca de jornal. Um resvala o ombro no meu, cambaleio um pouco. Vejo a ponta dos fuzis balançando perto de suas cinturas. Os mais atentos abrem espaço, os dispersos são empurrados e jogados no chão. Os dois parecem uma locomotiva de tão maciços.

Testo o ar. O cheiro de gasolina é mais forte na direção que foram e é para lá que sigo. Sim, não sei muito o que estou pensando. Não demora muito para eu precisar cortar uma multidão que corre na direção contrária. Demora menos ainda para eu conseguir notar a bola flamejante no meio da rua.

O fogo se espalha em uma poça até chegar na calçada. Meu rosto arde com o calor, meus olhos lacrimejam. Os soldados gritam em sua própria língua. Parecem aterrorizados com o fogo.

Me aproximo mais.

Meu coração está tão agitado quanto o das pessoas que correm e se aglomeram em torno do fogaréu. Vejo que é um blindado do Exército. Labaredas saem de dentro das janelas e se lançam aos céus, virando nuvens negras. O cheiro de gasolina está impregnado em meu nariz. Minhas mãos estão tremendo.

Vejo três homens dentro do carro. Não se movem, as chamas dançam de forma que suas silhuetas se tornam invisíveis e extremamente expostas em alguns momentos. Seus uniformes da União não estão queimando.

Mais soldados chegam, parecem tomar uma distância segura do fogo.

Penso no que pode ser aquilo. A primeira coisa que passa na cabeça de todos os que fogem é: um ataque alienígena, talvez até mesmo na cabeça dos que estão olhando a cena. Os aliens não usariam gasolina, pelo menos eu acho que não.

Tento resistir, mas não consigo. Estou sorrindo. Alguém está fazendo alguma coisa. Não sei exatamente quando esse país deixou de ser meu, mas sinto que voltará a ser, em breve.

Admiro o fogo consumindo o blindado, ou pelo menos o que o blindado permite

que seja consumido. Soldados trazem extintores, mas parecem receosos em se aproximar. Sinto um comichão, outra coisa está prestes a acontecer. Algo maior.

Vejo crianças apavoradas agarradas ao pescoço das mães. Procuro alguém calmo, alguém que pareça saber o que virá em seguida. Só encontro pessoas aterrorizadas. O que mais tem são adolescentes. Eles não entendem a gravidade e importância do que estão vendo. Esse carro vai entrar para os livros de história...

Ouço um barulho cortar os céus com ferocidade.

São fogos de artificio.

O rojão sobe entre as nuvens, lançando faíscas verdes e machucando meus ouvidos. Faz um bom tempo que não presencio um desses. Minha barriga borbulha. As pessoas começam a correr com as crianças no colo. Alguns se atiram no chão, cobrindo a cabeça com as mãos ou com as bolsas. Continuei parado, admirando as faíscas que cortavam o céu bem em cima de mim.

Vejo a luz antes de ouvir a explosão. As faíscas verdes se espalham pelo céu como galhos de uma árvore, desenham uma cúpula e se apagam.

Os soldados gritam para os comunicadores presos no ombro, correm de um lado ao outro feito baratas tontas. Estão procurando os responsáveis. Um deles passa por mim, por pouco não coloquei o pé na frente. Outro Jipe faz uma curva fechada, jogando algumas pessoas para o alto, e seguindo na direção das faíscas.

Basta ele fazer a curva para outro ascender aos céus, vindo da direção contrária. Sua luz é vermelha. É seguido por outros dois vindos de direções opostas. Os casacas brancas não sabem o que fazer. Todas as compras são monitoradas, todas as esquinas têm câmeras, qualquer vizinho pode te entregar para a União. Tento criar algum plano em minha cabeça, imaginar de onde os fogos vieram. *Nem sei como se constrói isso.*

Abaixo os olhos do espetáculo luminoso sobre minha cabeça e me deparo com um fuzil, na outra ponta está uma garota de olhos azuis e cabelos amarelos. Ela grita palavras que não entendo. Sinto meu rosto arder, minhas pernas estão bambas. Não sei o que diz, mas sei o que ela está pedindo. Olho em volta e, além dos soldados, sou o único de pé no cruzamento. Me abaixo, colando o rosto no chão. Não posso me dar muito ao luxo de escolher. A garota coloca o joelho nas minhas costas, ela é leve, mas eu não pratico exercícios, sinto minhas costelas quase quebrarem com a pressão. Penso que dei sorte, se fosse mais velha, provavelmente eu já estaria morto.

Algo estoura do nosso lado. O barulho faz meu corpo todo vibrar. Nunca deitei num trilho de trem, mas imagino que a sensação seja parecida. Viro a cabeça, sinto meu pescoço protestar e vejo um casaca branca correndo com a roupa em chamas. Ele corre para longe de outro blindado em chamas. Sinto o joelho em minhas costas afrouxar até sair por completo. Não é uma boa levantar. Minha vigia começa a correr até o meio da rua, não olha para mim, seus olhos estão fixos em algo além da esquina.

Me arrasto até o banco de madeira e cimento atrás de mim.

Os casacas brancas apontam as armas em direção a nova explosão e

abrem fogo. Consigo ouvir o som das balas atingindo o metal, suas miras estão assustadoramente altas. Me pergunto no que estão atirando. *Talvez uma nave pequena?*

Não vejo nenhum outro civil na rua. O corpo do soldado está estirado no chão, perdido em algum lugar entre as chamas que o envolvem, ele não grita nem se move. Mal vejo seus membros, na verdade. Apenas o uniforme.

Ouço o motor de mais blindados chegando. É como uma orquestra da destruição. Queria ver no que atiram, mas precisaria entrar na linha de fogo. Mais casacas brancas são vomitados para fora dos carros e se unem aos que já atiram.

Em prol da humanidade.

Uma bala despedaça o banco onde me escondo e resvala a alguns centímetros da minha cabeça. Ciscos voam no meu olho direito. Vejo uma silhueta branca do outro lado da rua, vindo em minha direção.

Merda.

Mas é óbvio que iam me confundir com um terrorista. Por que não, não é mesmo? Penso em levantar as mãos e me render, mas em um segundo repenso a estratégia e começo a correr em ziguezague. Anos atrás vi em um programa de TV que isso funcionava. Tenho quase certeza de que estou gritando por socorro. Corro pelo caminho que me levou até ali. Se eu virar à esquerda na banca, vou encontrar um parquinho com algumas árvores e cinco saídas. Não sei se o complexo de prédios ainda existe, deve existir. *Merda, eu não devia sair mais de casa.* É minha melhor opção, mesmo com as câmeras de esquina e as que existem sob as telas. Acabo de me tornar um terrorista. Não está sendo tão divertido quanto pensei que seria.

Para lá eu vou enquanto balas furiosas agitam o ar ao meu redor.

Será que fui baleado e não senti?

A primeira tela que encontro está onde costumava ficar o letreiro da mercearia do Jorge. A tela pisca em vermelho mandando que nos afastemos da rua. Me pergunto quem iria parar para ler o que ela diz numa hora dessas. Me acho extremamente idiota logo em seguida.

Com a visão periférica, vejo a parede à minha esquerda ser esmigalhada por uma bala. Por algum motivo aquilo me fez perder o equilíbrio, *talvez tenha sido baleado.*

Apoio as mãos no chão. Meu olho direito está latejando, imagino grandes pedaços de concreto entrando cada vez mais fundo na pupila. Sinto minha cabeça começar a girar sobre os ombros, tento recuperar o equilíbrio, mas já é tarde demais.

Rolo pelo chão. Meu braço direito vira em um ângulo que não devia, explode em dor e logo em seguida paro de senti-lo. Talvez porque a urgência do meu rosto arrastando no asfalto tenha tomado toda a minha atenção.

Dou uma cambalhota, da forma mais errada possível, paro com a barriga para cima. Sinto o ar entrando nos machucados em meu rosto, o gosto de sangue e chão tomam conta de minha boca.

Minha cabeça está bamba, parece desparafusada. Vejo o soldado se aproximar devagar, ele é pouco mais que um borrão. Tento me levantar mas a única resposta que recebo é uma pontada de dor no braço direito.

Queria ter feito algo mais útil com o tempo que tive. Feito algo ao invés de abaixar a cabeça para eles e xingar em silêncio, na segurança de casa. Devia ter atingido a União de alguma forma. Não me conformo que meu último ato na Terra seja chorar.

Merda! Por que eu não saí correndo igual todo mundo?!

Xingo o soldado. Sei que ele não vai entender, mas inflo meus pulmões e solto todo o ar em uma cascata de ofensas, algumas são até infantis. São as únicas armas que tenho, talvez se ele chegar muito perto eu consiga mordê-lo.

Ele se aproxima. Está a um passo de mim.

Meu coração acelera, talvez eu infarte antes que ele me mate. Chego a torcer para isso acontecer, uma das poucas coisas que posso tirar da União. Grito para que ele se afaste. Sua imagem é tão borrada quanto assustadora.

O homem encosta a ponta do fuzil em meu peito. Sua boca se enrola em palavras.

Me preparo para morrer a qualquer momento. Encaixa o pé por baixo da minha costela e me vira. Meu rosto volta a tocar o chão. Ele puxa minhas mãos para trás. Meu braço dói tanto que parece estar sendo arrancado. O soldado está me algemando.

Ser prisioneiro da União não estava em meus planos. Pelo menos assim posso incomodá-los, já que não sei de nada sobre a resistência.

Será que eles se chamam de resistência?

Ele me coloca de pé.

O soldado me leva em direção aos outros. Não ouço mais o barulho de tiros. Fico triste, pois imagino o pior cenário para a resistência. Sua mão bate em meu braço quebrado. Não sei se de propósito ou não.

Ouço um estampido. A mão que me guiava afrouxa e solta. Meu braço está mais leve. Olho para o lado e vejo o soldado levantando seu fuzil. Penso que vai atirar em mim, mas ele fica de costas e abre fogo em direção ao parquinho. Ouço tiros vindos daquela direção, mas não ouço nenhum estourar nas paredes atrás de mim.

Significa que estão parando no soldado, não é?

Ele levanta o fuzil e começa a atirar de volta, como se nada tivesse acontecido.

Começo a correr, o único lugar onde posso me esconder é atrás do poste. Merda. Olho para o casaca branca que me levava, ele não busca abrigo. Continua firme atirando e andando até o parquinho. Algo emana de sua roupa. Pequenos pontos luminosos e leitosos surgem rapidamente e desaparecem.

O que é isso?

– Se abaixa. – diz uma voz a alguns metros de mim.

É de um homem. Ele veste um sobretudo, muito parecido com o usado pelos oficiais da União, só que o seu é tingido de negro. Posso ver os bordados no ombro, onde as insígnias costumavam ficar. Grandes dreads balançam em sua cabeça. Quando agacha, eles roçam a calçada.

– Se abaixa, cara.

Obedeço. Não acredito que é a *resistência*. Eles, em carne, osso e... Percebo

que ele carrega uma garrafa de vidro, um pedaço de pano saindo pelo gargalo. O cheiro de gasolina é forte.

– Escolhe. – diz ele tirando um isqueiro do bolso interno. – Na cabeça ou no lombo?

– É... Cabeça...?

– Muito pequeno – ele tem um sorriso tranquilizante – Tem que… – ele acendeu o pano. Eu quis correr, mas minhas mãos ainda estavam algemadas. Ele arremessou e usou o sobretudo para nos proteger – ...ser num alvo grande.

Ouço uma explosão.

– Acho que tu vai gostar de ver isso, mano.

Tento imaginar o que seria tão divertido. Acabar com a União é algo que soa divertido por si só, é claro, mas ele parece tão... tão despreocupado, como se fosse uma equação exata. Guerra não é exata. *Eu acho.*

Eu olho.

O soldado está ardendo em chamas. Não estão tão intensas a ponto de cobri-lo por inteiro. *Foi um belo arremesso.* As labaredas pareciam um mar agitado lutando para engolir uma rocha. Consigo sentir o calor daqui.

– Olha bem, mano, olha bem. – disse o homem, pegando o revolver debaixo do ombro.

O soldado se contorce. Seu rosto muda de cor entre as chamas. Se torna azul, seus olhos viram dois buracos escuros. Sua pele murcha e seca. Imagino que isso seja normal com pessoas pegando fogo, mas não sabia que era um processo tão rápido.

O soldado parece encolher até desaparecer dentro do uniforme.

– É rápido assim? – pergunto, minha voz é um misto de dor e êxtase.

– Gasolina. Fogo. As únicas coisas que destroem os coletes desses lagartos.

– La-Lagartos...?

Ele me lança um olhar de pena. Não uma pena do tipo, “Ah, tadinho. Todo estropiado no chão.” Era mais algo do tipo, “Tem tanta coisa que você não sabe, mano”.

– Explicação rápida e genérica, mano. Eles... – o homem aponta para o homem em chamas. Agora ele não passa de uma massa flamejante sobre a rua. – ...não são daqui. São lá de cima. Do espaço.

– Peraí...

– Sim. Aliens. ETs. Chupa...Já entendeu, né, mano?

Não é possível. Bom, não é *tão* impossível assim. Me sinto idiota. Lembro das propagandas mundiais em prol da criação da União. Lembro dos acordos assinados. Todos foram criados por homens. Pessoas aqui da terra. Elas são os verdadeiros monstros. Em dois anos nada saiu da nave, nem foi visto nos seus arredores. A mídia teria noticiado caso houvesse algum contato, afinal... A União controla a mídia. Eles não precisam ter chegado com a nave, podem estar aqui muito antes. Eles olham para os civis como se fossemos baratas. Talvez, para eles, não passemos disso mesmo. Muitos soldados conversam entre si em uma língua que não é nem inglês e não soa com nada que eu já tenha conhecido.

Merda. Merda. Merda.

– Me chamo Zé. – disse ele estendendo a mão para mim.

– Eu tô preso. Até apertaria sua mão, mas...

– Tem medo de tiro, mano?

Penso um pouco. Tenho medo de muitas coisas, principalmente ser baleado, mas do tiro em si não.

– Não...?

Zé fica de pé. É bem alto, seus dreads batem nos joelhos. Seus músculos parecem tão maciços quanto uma parede. Ele segura meu pulso, ouço um tiro e me sobressalto. Sinto o ar quente vindo do cano da pistola subir pelas minhas costas e a liberdade está em meus braços novamente.

– Obrigado. – o movimento com o ombro me faz curvar de dor. A pior parte é que não posso ir a um hospital. Não agora. As câmeras me viram fugir de um soldado e estou sendo gravado nesse exato momento, conversando com um dos revolucionários. Meu braço vai calcificar errado, terei sorte se conseguir movê-lo sem dor novamente. – Eduardo.

Zé faz menção de me cumprimentar, mas repara em meu braço quebrado e para.

– Quem é esse? – diz uma mulher atrás de mim.

Me deparo com uma menina. Deve ter uns 18 anos, talvez um pouco mais. Ela carrega um grande fuzil e veste o mesmo sobretudo preto de Zé, o dela está completamente abotoado e as insígnias não foram arrancadas.

– Eduardo. – diz Zé. – Prisioneiro do... – ele olha pro corpo em chamas. Está começando a apagar. – Bom, do lagartão ali. Novo soldado da resistência.

Eles falam resistência.

A menina revira os olhos e suspira.

– Tira ele daqui. Vou ver se tem mais civil por perto.

– Duvido bastante, mas tá bom, mano.

A garota se abaixa junto ao poste que usei como esconderijo, levanta o fuzil e vasculha o lugar através da mira. Ela puxa o gatilho, mas não vejo nenhum alvo na outra ponta.

– Duardo. Vem. Junto.

– Quê?

– Tô de zueira. Vem. Isso aqui tudo vai explodir.

Zé começa a andar em direção ao parquinho. Seus olhos estão atentos a qualquer movimento hostil. Ele carrega só um revólver, mas algo me diz que aquilo não é sua principal defesa.

– Queria ver o *esmaga lagarto*? Queria, mas...

Não sei se ele falou isso para mim, suspeito que não...

– Zé – pergunto enquanto ele salta a cerca do parquinho, eu dou a volta. – Você falou em explodir...

– Com todas as letras.

– É *explodir explodir*? Tipo... a rua inteira?

Ele ri enquanto salta a outra cerca.

– Rua? Tamo falando do bairro inteiro. A Má tava espalhando umas células de gasolina. Pontos estratégicos. Estamos trazendo o maior número possível de lagartos para o mesmo ponto e então... KABUM! Deu sorte que o epicentro vai ser na praça, mano.

Não sei se devo saber tanta coisa assim. Talvez eles queiram que as pessoas saibam o que a União é.

– Eu moro nesse bairro. – digo sem pensar.

– Você e outras... Sei lá, dez, quinze mil. Acontece que vocês, a gente, os humanos. – continuou Zé apontando uma esquina a direita. Fomos por ela. – Estamos muito acomodados. A gente tá dando uma agitada. Resistindo, mano. Sabe a melhor parte?

– Não...?

– Tamo contratando. Pagamos com trabalho duro, possíveis dilacerações, às vezes uma morte dolorosa, mas prometemos alguns Lagartos para matar e um bônus de libertação mundial. Estamos discutindo sobre esse bônus ainda.

Me sinto levemente desconfortável com a leveza com que Zé descreve as coisas. Pouco sabemos do que acontece em outras partes da cidade, sabemos menos ainda o que acontece fora delas. Todas as informações são controladas pela União, assim como as fronteiras. É preciso ter uma desculpa muito boa para sair de sua cidade e outra melhor ainda para não desaparecer *em prol da humanidade* quando voltar.

Não acho que tenho muita opção agora. Minha casa vai explodir, minha cama, minhas roupas, minhas latas de ração, minha cortina... Pelo menos vou fazer algo em prol da humanidade, dessa vez de verdade.

Seguimos por uma rua ladeada por casas coloridas, pequenas e espremidas. Todas com os portões arreganhados. Me pergunto como fizeram para evacuar esse bairro. As nuvens começam a se mover, deixando um ou dois raios de sol brilharem no asfalto.

– Merda – diz Zé, acho que foi a coisa mais séria que ouvi dizer desde que... bom, desde que o conheci. – Vai pra trás de mim, mano.

Obedeço. Zé é um homem alto e forte. Me sinto mais coberto atrás dele do que me senti atrás do poste. Ouço falas emboladas mais a frente. Sei que é a União. Meu olho arde. Meu rosto inteiro arde quando o suor toca as feridas. Devo ser digno de um lixão.

Olho por cima do braço de Zé. Dois soldados. Eles apontam fuzis em nossa direção. Acho que vou levar um tiro na perna. Zé tira duas pedrinhas do bolso e arremessa. Vejo os mesmos pontos luminosos que vi no outro que foi incendiado.

Seus uniformes....

– Imaginei. – diz Zé. Dessa vez tenho certeza de que é para si. – Quando eu disser corre, tu corre pra dentro daquele portão, mano. Tendeu?

Confirmo com a cabeça. *Com certeza vou tomar um tiro na perna.*

– Tá aí, mano? – sua voz é calma. Calma até demais. Ele deve ter um lança mísseis em algum lugar do sobretudo.

– Tô. Por favor, não me deixe morrer – *por que eu disse isso?*

– Segura na minha roupa e anda comigo até eu falar pra correr, mano, e vai tá suave.

Abro caminho entre seu cabelo e seguro em sua roupa. Zé anda devagar. Parece um continente se afastando do outro. Os tiros começam. *Tô morto*. Sinto o sobretudo de Zé vibrar em minhas mãos, talvez seja eu tremendo. As balas passam por nós, passam bem perto. Vejo as luzes brancas e leitosas surgindo de Zé.

As roupas da União param balas.

Porcaria, como eu *preciso* entrar pra resistência.

Estamos tão próximos que consigo ouvir o som dos gatilhos sendo apertados. Sei que é coisa da minha cabeça, as armas fazem tanto barulho que me sinto na Sapucaí. Penso que, como estou mais perto deles, vou ser um alvo fácil quando precisar correr. *Pelo menos não quebrei uma perna.*

– Tá pronto? – grita Zé sobre o ombro. Me incomodo com a calma em sua voz.

– Aham.

Ele passa a segurar o revólver pelo cano e levanta o braço, já o vi fazer esse movimento.

– Corre.

Eu corro até o portão mais próximo. Acho que vou tropeçar no meio do caminho ou levar um tiro nas costas, mas não. Me escondo atrás do muro.

Ouço os gritos embolados dos soldados da União. Ouço o som do que parece ser metal contra ossos. Ouço uma risada levemente assustadora e familiar. Espero sentir o calor do fogo que Zé deve atear aos dois, mas não.

Nada.

Não sei quanto tempo leva. Podem ter passado dois ou dez minutos. O silêncio cai sobre mim e a rua. Zé disse que ela iria explodir, talvez não dê tempo de sair. *Será que vão lembrar de mim? Ou pelo menos vou contar com um mártir da revolução?*

Qual é, nem eu lembro de mim às vezes.

– Mano...? Tu tá chorando?

Zé está com metade do corpo para dentro do portão, respingos azuis se misturam ao suor em sua testa. Suas mãos também estão manchadas e salpicadas de azul, como se as tivesse mergulhado dentro de gelatina fresca. Esfrego o olho esquerdo, espalhando lágrimas pelo rosto e sangue nas costas da mão.

Zé me ajuda a levantar.

Os dois corpos estão amassados. Não por estarem mortos – embora isso também tenha sua parcela de culpa – mas as criaturas são naturalmente amassadas... Parecem humanos, pelo menos tem quatro membros. A pele é azulada e enrugada e não parece muito pele. Está mais para uma escama bem fina. Suas cabeças são longas e retas. Zé começa a despir o da direita. Quero ser proativo e vou no da esquerda.

Os lagartos fedem. Vejo pequenas crateras em seu crânio. Olho rapidamente para Zé, ele está assobiando enquanto puxa uma das mangas do defunto.

O cara acabou com dois deles. *Sozinho*. Talvez eles sejam mais frágeis do

que eu esperava, afinal, tem trajes capazes de parar balas. Mesmo assim, o que Zé fez foi notável. Meu respeito por ele e pela rebelião quintuplicou.

– Elas vivem na nave? – pergunto. Logo em seguida percebo que despir um corpo com o braço quebrado é uma das coisas mais difíceis e dolorosas que já fiz na vida.

– Não, mano. O Zé, não eu, o Zé do laboratório. Um sujeito que parece até contigo, só que com cabelo. Acredita que sejam de outra raça.

– Outra...?

– É, mano. *Doidera*, né? Devem ter uns milhões de bichos diferentes vivendo por aí e aqui.

Estremeço com a ideia.

Ele vem e termina de despir o segundo corpo. Fico aliviado por isso.

– Aparentemente – ele continua enquanto voltamos a correr –, tem umas quatro raças diferentes dentro da União. Não fazemos ideia do que tem dentro daquela nave, mas a gente acredita que a União não gosta nenhum pouco.

Afundo em pensamentos. Me sinto pequeno, inútil. Agora, mais do que nunca, sinto falta de me sentir solitário. Pelo menos quatro raças diferentes ocupam o meu mundo. É difícil não se sentir sufocado com essa informação.

Merda, acho que tô chorando de novo.

Ao dobrar uma esquina, começo a ver pessoas. Estão assustadas, muitas choram, da mais velha à mais nova. Todas carregam medo em seus olhos. O homem gigante coberto de sangue alienígena não ameniza em nada a situação.

Zé entra na multidão, que se torna mais densa conforme avançamos, não sei se devo segui-lo, mas é o que faço. Começo a ver blindados e mais pessoas vestindo sobretudo pretos. Elas portam armas que não reconheço. O cheiro de gasolina é forte. *Bem forte*.

Vejo soldados da resistência andando de um lado ao outro sobre os tetos dos blindados. *Como um grupo tão grande conseguiu ficar escondido por tanto tempo?* Não. Não ficaram escondidos. A União que escondia sua existência. Eles davam esperança. Esperança é uma semente poderosa para os oprimidos.

– Tudo pronto, mano? – ouço Zé dizer.

Pensando que é comigo, abro a boca para responder, mas uma mulher de cabelo curto e loiro, com traços muito bem marcados responde.

– Tudo. Vamos colocar o povo nos carros e ir pro barco logo.

Ela me vê à sombra de Zé e acena com a cabeça como se eu fosse uma criança. A mulher entra num blindado. Meu companheiro abre a porta de trás, senta no banco e escorrega até o outro lado. Acena com a cabeça para que eu entre.

E assim faço.

– É, mano. – diz Zé, esfregando as mãos na roupa – Bem vindo a um mundo um tiquinho maior do que tu tava acostumado.

SISTEMA PRESIDIÁRIO

João Fortunato é mineiro, pesquisador, professor, escritor e leitor de paratextos. Ama ler e criar histórias em RPGs e, no momento, está perdido em um hyperlink sobre a fauna de um ecossistema fictício. Talvez tenha publicado contos e poemas em lugares obscuros da internet.

Ele piscava com força para despertar. O ambiente extremamente claro o fazia exteriorizar sua fotofobia.

“Bem-vindo de volta, Daniel!”

A voz reverberava de algum lugar acima do ponto de visão que Daniel conseguia de fato enxergar e ecoava fundo em seus tímpanos. Ele encarava os próprios pés e mantinha erguida uma das mãos, impedindo que a luz da lâmpada chegasse direto a seus olhos, enquanto isso, a outra coçava suas pálpebras.

“Senhor Daniel,” a voz recomeçou, profunda, invisível, dentro de sua própria cabeça. “Você conseguiu provar em uma simulação que está pronto para retornar à sociedade. Meus parabéns!” Cada sílaba ecoava alto em seus tímpanos, quase o machucando. “Pode acompanhá-lo até a saída.”

Passos ecoaram do ambiente para dentro dele, e Daniel viu um par de coturnos de cano alto que davam em uma calça marrom se aproximando da cama em que estava sentado. Ele fez menção de subir os olhos, mas qualquer coisa acima dos joelhos estava completamente ofuscada. Diante de seus olhos apareceu então uma mão, provavelmente vinda da pessoa à sua frente e, sem ainda entender o porquê, ele a apertou.

“A partir de agora você é um homem livre!” Uma voz distinta lhe disse, já sem ecoar tanto em sua cabeça. De onde conhecia aquela voz? O homem puxou-o firmemente, forçando-o a se levantar da cama dura. Andando recurvado e olhando para o chão, Daniel sentia alguém o conduzindo com uma mão em suas costas de forma grave e intensa, como se mal pudesse esperar para jogar Daniel para fora daquele lugar.

Pouco a pouco se percebia capaz de enxergar ao seu redor. Estava de volta aos corredores da penitenciária, sendo conduzido por um guarda até uma bancada alta.

"Por aqui, detento", reconheceu a voz do guarda que o conduzia, era a voz de Adonias. Algo na impessoalidade de sua frase o incomodou, mas, antes que pudesse falar algo além de um murmúrio, outra voz lhe pediu para assinar aqui e ali e, sem esperar consentimento, a mão, cujo dono Daniel ainda não conseguia enxergar levou a sua até o local da assinatura, separou o seu indicador dos outros dedos e pressionou-o contra o aparelho, levantou a sua mão, mudou de página, pressionou o novamente, outra página, e, por fim, pressionou o seu dedo na tela.

"Aqui estão seus pertences." Enquanto Daniel piscava, o aparelho burocrático desaparecia para dentro do recinto que a bancada protegia e um saco a vácuo se materializava em seu lugar com roupas e sapatos. Daniel se apoiou por alguns instantes na bancada. Sentia-se um pouco tonto e respirava fundo, como se estivesse recuperando o fôlego depois de correr atrás de algum *chip-hacker* por vários quarteirões. Então, outra voz pareceu direcionar-se a ele.

"Você pode se sentar ali, demora um tempo até retornar ao mundo real por completo."

Ainda olhando para o chão e protegendo os olhos com uma das mãos, Daniel procurou pela dona da voz.

"Obrigado," murmurou após encontrar as pernas da guarda à entrada do corredor. Sua voz estava grave e sua garganta enrijecida, como se não tivesse a usado por vários meses. E talvez não tivesse, não tinha como saber. Próximo da guarda, ele também localizou uma fileira de quatro cadeiras vazias e sentou-se na mais ao canto, abaixando-se e pressionando forte os punhos contra os olhos.

Ficou assim por um tempo, sem pensar. Sentia-se como de ressaca, meio bêbado. A pressão parecia aumentar a dor de cabeça e a tontura. Depois de uns minutos, começou a abrir os olhos, pouco a pouco, acostumando-se com a luz. Estava na recepção da penitenciária. Exceto pela guarda de prontidão no corredor, dois recepcionistas e ele, agora ex-detento, a salinha estava vazia.

Lembrava-se de ter passado por aquela sala três anos atrás quando havia saído da prisão, ou quando achava que havia saído. Sua lembrança era cheia de sentimentos, muito mais que imagens. Como se tudo tivesse sido um sonho. E de certa forma havia sido, afinal. Lembrava-se da sensação de ser identificado e passar pela porta de vidro como um homem livre. Ele tinha andado para longe dali e não tinha olhado para trás. Tinha ido para a casa dos seus pais, que o esperavam com uma festa de boas-vindas com churrasco, cerveja e bolo. Agora que as lembranças voltavam, a ideia de uma festa para um ex-detento não lhe parecia a melhor das ideias. No dia, algumas pessoas que não via havia mais de dez anos lhe perguntavam como tinha sido na prisão, se tinha planos para o futuro.

Em seguida, alguém lhe arranjou um emprego numa lojinha no centro. Ele vendia... coisas... que coisas? Daniel trabalhava nessa lojinha até tarde e pegava o ônibus de volta para a casa dos seus pais. Ele lembrava de sentir-se extremamente cansado no ônibus de volta para casa. Certa vez foi roubado naquele ônibus,

dois homens aproximaram-se no fundo do ônibus e fizeram-no transferir seu pouco dinheiro por uma maquininha. Quando foi à delegacia, o policial de plantão prendeu-o por algum motivo estúpido, alguém havia o reconhecido por ter cometido outro crime.

Num *flash*, cada detalhe nauseante daquela noite lhe veio à mente. Era tarde, bem tarde, a delegacia estava escura por conta de uma lâmpada queimada e ele estava de pé na recepção para fazer um boletim de ocorrência. Pela porta de vidro entrou uma mulher, branca, vinte e cinco anos, roupas rasgadas, maquiagem borrada e cabelos bagunçados. Havia algo cinemático em sua entrada. Talvez o seu olhar, ou a sua expressão facial, talvez ambos, enchiam Daniel de repulsa. Não dela, não, repulsa de si mesmo. Não conseguiu ler o nome ou o antecedente dela. Ela levantou o braço, em câmera lenta, e com seu indicador apontou para o rosto de Daniel. Todos os rostos da delegacia o encararam simultaneamente. Rostos despidos de qualquer traço. De alguma forma, porém, ele se lembrava de sentir expresso neles o ódio intenso que precedeu as palavras da mulher:

"Estuprador!"

Ele sentiu um calafrio passar pelo seu corpo. Abriu os olhos. Com as lembranças da simulação deixadas de lado, Daniel se levantou com seus pertences e entrou em uma portinha que declarava "Masculino" em uma plaquinha à altura da cabeça. O banheiro estava limpo, exalava um cheiro nostálgico de desinfetante de lavanda, e ele percebeu uma necessidade extrema de urinar. Foi quase correndo até o primeiro mictório, jogando a sacola com seus pertences no lavatório no caminho, levantou o seu pijama hospitalar até a altura do peito e, lacrimejando com uma dor intensa, começou a expelir a urina de cor escura. Seria efeito da simulação? Não se lembrava de sentir nada disso antes de acordar. Mas há quanto tempo não acordava de verdade? Não sabia. Alguns detentos, recordou-se, voltavam após serem reprovados pelo sistema. Alguns voltavam no dia seguinte, outros desapareciam por semanas e todo mundo achava que haviam passado no programa e já estavam reestabelecendo as suas vidas, mas então apareciam no refeitório ou no pátio extremamente subnutridos e deprimidos. A maior parte dos que voltavam não parecia querer comentar muito sobre a simulação. O restante contribuía para uma certa mitologia acerca do processo.

"Tudo o que você quer depois de acordar é bater um barro", lembrou Daniel da conversa com o recém reprovado colega de cela Marquinho. "Sentar no vaso, sabe? Relaxar e botar pra fora tudo que você comeu na sua vida imaginária? Todo o sorvete que eu tomei de alguma forma me deixou com diarreia, entende?"

Ele havia ficado fora por uma semana e era intolerante a lactose. Outros detentos diziam que esse tipo de coisa era invenção, era loucura, ou talvez uma forma de chamar atenção, e que, por agirem assim, não tinham passado na simulação. Ruan, outro colega de cela que também já tinha sido reprovado, retrucou, "Se você só toma soro, como que o sorvete te deixou de caganeira? Você é burro?"

"Eu sei lá, cara. Se eu fosse um especialista eu te falava!"

"Se tava tudo na sua cabeça, me diz como que te deu diarreia?"

“Cara, se eu fosse um especialista naquela porcaria, eu explicava.” Ele falou cada palavra hostil e pausadamente. “Mas aí te falava também o motivo de você ser reprovado no primeiro dia”. Eles se encararam como se analisassem as implicações de brigarem dentro da cela durante o dia. Então Marquinho estalou a língua no céu da boca e Ruan soltou a respiração forçosamente, desistindo. Os outros quinze presos não pareceram notar. Não que detentos não brigassem frequentemente quando os guardas estavam distraídos ou quando estavam em lugares sem câmeras. Um soco no estômago ou nos testículos sempre rolava na cela, ou às vezes na porta do banheiro, mas um guarda sempre gritava algo como, “Pode parar de palhaçada, bando de merda!”, e os dois presos se afastavam, prometendo vingança através de olhares enfurecidos. Essa vingança nem sempre acontecia. Outras vezes um deles era encontrado morto e nenhuma das quinze ou vinte pessoas que ocupavam a mesma cela sabia quem o tinha matado. A discussão não deu em nada, mas Marquinho estava intencionalmente provocando Ruan, um dos que não apreciavam falar da experiência na simulação.

Uma convenção, talvez infundada apesar da certeza de sua veracidade pela maior parte dos detentos, era que se você fosse para a simulação e te julgassem mais perigoso do que perceberam antes, você poderia ser enviado para uma prisão de segurança máxima, ou até mesmo receber pena de morte. Algo que todos pensavam ter acontecido com o Branco. Como era possível que um homem tão repugnante fosse solto? Estremeceu um pouco ao se lembrar do desgraçado. Logo na primeira semana em que Daniel chegou ao presídio, Branco deixou-o com o nariz torto, provavelmente para o resto da vida.

“Pronto, negão, e eu que achei que seu nariz não podia ficar pior!”, ele havia lhe dito depois de socá-lo o estômago com um punho e o nariz com o outro. Adonias, que para ele ainda era apenas Santos na época, havia visto a situação e o levou até a enfermaria, enquanto outro guarda arrastava com esforço o corpo gigantesco de Branco para longe. Ele já tinha sentido dores piores. O nariz torto quase não o incomodava. O que lhe doía os nervos acerca de Branco não era a quantidade de sangue que ele fez jorrar do nariz de Daniel, mas a lembrança de seu sorriso amarelado. Um sorriso que notava desde cedo, o sorriso da impunidade. Geralmente estavam certos. Um sorriso que lhe lembrava o motivo pelo qual havia sido jogado naquele lugar.

Daniel cobriu-se com o pijama hospitalar e foi para o lavatório. Lá ele olhou para o homem esquelético refletido à sua frente. Tocou seu rosto, suas bochechas caídas, seus olhos fundos e amarelados, a lembrança de Branco carimbada em seu nariz torto. Ao seu toque, sua pele, extremamente seca, se soltava e descascava. Sentia-se vinte anos mais velho. Seu cabelo, agora curto, não estava mais trançado. Alguém tinha o cortado enquanto dormia. Não, não. Ele sorriu, dentes amarelados o receberam de forma um tanto quanto assustadora. Isso tinha acontecido na simulação, se lembrou, seu cabelo havia crescido e ele o tinha trançado. Ali todos tinham cabelos curtos “para manter o padrão”, como diziam nas palestras que eram obrigados a assistir. Era isso. Ele se abaixou e levou ao rosto a água gelada da

pia automática baixa, feita para alguém vinte ou trinta centímetros menor que ele. Baixou então a cabeça à altura da torneira, pegou mais água com a mão e molhou a nuca e o cabelo, esperando a água se infiltrar lentamente pelos fios espessos até alcançar sua pele e o permitir sentir o frescor intenso. Precisava disso. Precisava sentir, viver coisas reais. Sair da simulação. Muito antes do momento em que a água seria suficiente para que ele pudesse senti-la pela pele da cabeça, a torneira se desligou e não forneceu mais água.

"Bando de mão-de-vaca", ele disse de pé, em frente ao espelho. O pijama era muito largo, e seu peito magricela ressaltava os possíveis meses que havia passado dentro do universo da simulação. Estava muito mais magro que os mendigos da cidade. Seus braços finos, com uma boa quantidade de pele flácida, não se pareciam nada com aqueles que se lembrava ter cultivado em seus dez anos de prisão. Não que ele tivesse sido muito acima do peso, mas nunca tinha sido realmente magrelo, ainda mais depois de ser voluntário na pesquisa de comportamento. Foi quase um ano de injeções diárias de algo que fazia com que Daniel engordasse e ficasse mais calmo. "Metamorfose bovina", comentavam os presos, mesmo aqueles que também participavam da pesquisa. Em troca, os participantes teriam a pena reduzida na mesma quantidade de tempo que servissem ao voluntariado e, se o estudo fosse pra frente e mostrasse bons resultados, os presos teriam muito mais chances de passar na simulação. Alguns detentos tinham ganhado cinquenta, sessenta quilos. Ele tinha engordado trinta quilos no processo. "Valeu a pena", pensou enquanto via no espelho um homem que havia perdido muito mais quilos que os trinta ganhos, quase como se tivesse acabado de passar por algum tratamento de emagrecimento rápido, antes da cirurgia plástica. Só que, para ele, não teria plástica coisa nenhuma. Talvez isso explicasse o tom impessoal de Adonias. Ou, talvez, tenha sido fachada, como nos últimos tempos. Provavelmente a segunda opção.

O nariz torto chamou a atenção de Daniel novamente. Não o nariz, de fato, mas a lembrança de Adonias tentando colocá-lo no lugar.

"Infelizmente não teremos médicos de plantão aqui nesse mês, Daniel", disse-lhe Adonias, enquanto conferia o nome do detento na tarja em seu peito. Estavam sentados na salinha que era a enfermaria e o guarda lhe entregou um pano e o fez estancar o sangue que jorrava do seu nariz. "Como você não está morrendo, não posso pedir um médico emergencial, burocracia, entende? Mas eu sei um pouco de enfermagem e posso cuidar do seu nariz." Havia certo cuidado na fala do guarda. Era como se ele esperasse que a qualquer momento o preso fosse começar a chorar, Daniel pensou com certa indignação. Naquele momento, ele não tinha pensado muito sobre a forma que Adonias o tratava, estava cego pelo ódio que sentia por Branco. Que ainda sente. Seu olhar no espelho era repleto de fúria. Sentiu-se tonto e apoiou-se com as duas mãos no lavatório. Ao menos, nunca mais veria aquele homem. Os detentos disseram que ele estava saindo para tentar a simulação, mas que era maluco por querer tal coisa porque, afinal, se não o dessem uma pena de morte, no mínimo iriam jogá-lo em uma prisão de segurança máxima. Talvez a segunda opção não fosse tão má assim, talvez fosse melhor

do que manter-se no mesmo lugar. Se tivesse menos que dez presos por metro quadrado, já teria valido a pena.

"Maldito sistema", retrucou sua cara esquelética.

Sua náusea diminuía, então começou a retirar o pijama, algo que foi mais difícil do que esperava. Seus braços não se dobravam bem e cada centímetro a mais percorrido pelas suas mãos para soltar o nó do pijama em sua nuca parecia lhe dar uma facada em algum músculo enrijecido. Por fim, conseguiu puxar a ponta do nó borboleta que o prendia ao pijama e deixou-o cair aos seus pés.

"Puta que pariu…"

A visão do seu corpo nu era assustadora. Suas costelas completamente à mostra eram cobertas por uma fina camada de pele amarelada que Daniel não sabia se reconhecia como sua. Seus mamilos haviam descido alguns centímetros, amparados por uma pele flácida que antes havia sido preenchida por músculos e gordura. Sua barriga completamente retraída revelava cada detalhe antes escondido da curvatura de sua bacia. Seu estado deplorável não se igualava ao de nenhum outro preso que já vira pós simulação.

Mas, bem, eles haviam retornado para a prisão, Daniel pensou enquanto dava de ombros para o esqueleto que o encarava. Ao menos ele estava saindo dela.

Abriu o plástico e vestiu com certa dificuldade a roupa seca. Pareciam ser as mesmas com as quais fora preso. Tentou lembrar-se da roupa do dia. Não estava com o uniforme da loja? Era uma camisa preta como essa, mas talvez ela tivesse rasgado depois dos socos e pontapés. A acusação mal tinha saído da boca da mulher e três homens saltaram para cima de Daniel. Detrás dele, pernas o derrubavam enquanto alguém retorcia seu braço esquerdo com força e um braço o enforcava, o imobilizando por completo.

"Não… não fui… eu.", ele tossia enquanto se esforçava para respirar. Suas declarações de inocência diminuíam de intensidade conforme seu corpo era contido, socado e chutado. Apesar de não se lembrar mais dos rostos daquelas pessoas, Daniel sentia o ódio delas de tal forma que, antes de apagar, já não tinha certeza se era mesmo inocente.

Acordou numa cela. Seu corpo rememorava o espancamento que tinha recebido. Ficou preso alguns meses antes de ser julgado, ou talvez apenas por algumas semanas, não se lembrava ao certo. No julgamento, o depoimento da mulher lhe dava nojo, nojo de si mesmo. O júri também não acreditava em sua inocência. Culpado. Trinta e dois anos e quatro meses de pena.

"O que eu fiz pra merecer isso?"

Daniel encarava o lavatório. Relembrando o olhar da mulher, o ódio, o nojo que sentia de Daniel, parte dele não acreditava que realmente não havia a estuprado. Parte dele sabia que o tempo que passaria na cadeia não seria suficiente para apagar aquilo que tinha feito.

Porém, contrariando suas crenças, depois de alguns meses ele foi solto. Outra pessoa foi posta em seu lugar. Antes do mal entendido ter sido resolvido, entretanto, seus pais haviam falecido. Sua mãe tinha sofrido um AVC e seu pai

havia cometido suicídio algumas semanas depois. Ele agora estava dormindo no sofá de… no sofá de alguém. O cheiro de mofo vindo do sofá e do cobertor ainda era vívido em sua memória. Era um sofá na casa de Fábio, se recordou, um antigo amigo de seu pai. Além disso, havia algo na forma como o homem o olhava, como se perguntasse quanto tempo demoraria até que Daniel fizesse alguma merda.

"Ah se ele me visse agora", sorriu de volta a caveira que era seu rosto. "Se me visse saindo agor…"

Algo como um soco acertou o estômago vazio. Se sentiu completamente nauseado, e agora seu peito e sua garganta queimavam dolorosamente enquanto sentia o gosto ácido de sua bílis. Ele se abaixou e cuspiu o vômito no lavatório, se é que podia chamar de vômito a saliva levemente saturada pelo ácido estomacal. A dores musculares se intensificavam enquanto tentava se sustentar, e as suas pernas não pareciam mais capazes de mantê-lo de pé. Então desistiu.

No chão, ele não tinha condições de analisar se o líquido sob seu rosto era urina ou água. Agora, a gravidade puxando seu corpo parecia muito mais forte. O ambiente não permanecia parado, as paredes e os mictórios iam de um lado para o outro e o lavatório se afastava em um movimento vertiginoso. Fechou os olhos. Ao menos o chão era real, pensou. Tinha de se ater ao real. Mesmo que o real fosse a água, desejava que fosse água, que escorria pelo chão. Mesmo que fosse urina. Tinha que se ater a ela.

"Não é real… Não é!"

Mesmo inocentado, ele era o que era. Ex-detento e preto e, consequentemente, perigoso.

Depois de dormir alguns meses no Fábio sem conseguir emprego nem renda, absolutamente nenhum real, ele disse que Daniel teria que sair de sua casa.

"Os vizinhos estão falando... você entende, né?"

Então foi morar na rua. Pedia esmola, comia quando podia e dormia onde dava. Ele recebia bem menos que outros mendigos. Sabia o motivo, às vezes liam em voz alta. "Daniel Gonçalves da Silva", "desempregado", "dez anos de prisão por agressão", e então pareciam enfatizar enquanto passavam, "indiciado por estupro". Às vezes só visualizavam os seus antecedentes e passavam apertando o passo. Por vezes, meninos roubavam seu dinheiro enquanto cochilava. Passavam um aparelho clonado em seu pulso que falsificava seu consentimento e Daniel acordava com o *bip* da máquina. Não tinha tempo de tomar fôlego nenhum, apenas saía correndo atrás deles. Corria até sentir uma dor exorbitante em seu peito, momento que parava, completamente ofegante, vencido. Algumas vezes ele pegava um, dava um tapa forte na nuca dele e o fazia transferir de volta o que havia sido roubado. Às vezes, quando tinha ganho um pouco mais que o suficiente, até deixava o *chip-hacker* ficar com um trocado, e isso acabou gerando algumas pequenas amizades. Daniel mesmo nunca roubou. Várias vezes sentia, porém, uma urgência, um desejo quase incontrolável, de roubar meio sanduíche esquecido em uma mesa, mas sempre resistia e pedia humildemente, mesmo correndo o risco de não receber.

Algumas noites, ocorreu de bêbados agredirem Daniel. Com o tempo aprendeu a evitá-los. Aprendeu quais eram as ruas que ofereciam mais chance de esmolas e que eram mais seguras. Fez amizade com a maior parte dos *chip-hackers* do centro, que deixaram de roubá-lo. Em vez disso, ofereciam comida, às vezes, drogas. Certa noite, trouxeram um alucinógeno do qual nunca tinha ouvido falar. Disseram que alguém tinha dado pra eles, um tal de Pitaco, lembrou-se, e que era a melhor bala que já tinham chupado. Disseram que a alucinação os deixava como que conectados nos receptores virtuais hiperrealísticos sem auxílio algum da tecnologia. Eles podiam sumir em outro universo por dias deitados no chão, embaixo de qualquer cobertura, só para evitar a chuva. Podiam comer bem, podiam beber à vontade, podiam rever as suas mães, se quisessem. Tinham controle total do alucinógeno e poderiam sair da trip quando quisessem, igual saíam do ônibus. Era o que prometiam. Daniel era analógico, eles não. Usavam tudo e viviam da forma que queriam. Mas ele não se importava em ser analógico. Preferia se manter consciente em sua realidade que ficar no chão babando por três dias até que o efeito passasse, como via frequentemente acontecer com várias pessoas em situação de rua. Então, consciente em uma das ruas que costumava pedir esmola para o almoço, viu Adonias reaparecer em sua vida.

"Daniel?", ele disse, incerto.

"Um troco pro almoço, por favor", Daniel havia respondido, estendendo o braço direito com a palma aberta.

"Daniel, sou eu, o Santos. Guarda Adonias Santos." Ele pegou seu braço, mas não transferiu dinheiro algum. Em vez disso, puxou-o fortemente, obrigando Daniel a se levantar. Sem entender, deixou-se levantar e repetiu para o homem, cujo rosto lhe era razoavelmente familiar:

"Um troco pro almoço, por favor", disse fazendo uma expressão que gerava compaixão, enquanto lia "Adonias Santos", "Guarda Penitenciário", "Trinta e cinco anos", entre outras informações.

"Vem comigo, eu vou te ajudar", ele disse, puxando-o pela calçada. Era uma situação nova para Daniel, porque as pessoas evitavam tocar nele. Assim, aceitou ser conduzido por esse tal de Santos que parecia conhecê-lo. O homem levou-o até um carro completamente imaculado, exceto pelo mendigo, e foram levados pelo centro da cidade. Havia meses que não entrava em algum meio de transporte. Seu cheiro incomodava os outros passageiros, mas era da leitura dos antecedentes de Daniel que sentiam nojo. No carro, Adonias Santos parecia não perceber o odor de Daniel. Mais que isso, enquanto o carro automático seguia seu caminho, ele observava Daniel, que, em vez do nojo comumente percebido, sentia compaixão. A casa de Adonias estava imaculada. Daniel não se atrevia a sentar no sofá, mas aceitou tomar banho, regalia à qual não tinha acesso desde que proibiram a entrada nas fontes da Liberdade.

Adonias lhe arrumou toalha e roupas que ele afirmou não usar mais. Não pareciam nem um pouco gastas. Colocou-o em um quarto de hóspedes que, ao contrário da casa de Fábio, não tinha nada escondido. Todos os novos aparelhos,

que Daniel não fazia ideia de como funcionavam estavam, ao seu alcance. Se quisesse, poderia ter furtado todos, ou todos os que conseguisse carregar. Adonias não parecia temer nada disso vindo de Daniel.

Na manhã seguinte, vendo Adonias de uniforme, Daniel se lembrou do homem que havia consertado seu nariz. Ou, ao menos, tentado consertar.

“Tudo bem, tá perdoado”, brincou Adonias. Aí estava um tom de voz que Daniel não achava que ouviria novamente. “Nunca conversamos direito, né? Então, não tem problema.”

“Certo.”

Adonias saiu para o trabalho. Ele podia usar o que quisesse da casa. O projetor que Adonias usou no dia anterior era de algum modelo que Daniel já havia visto, provavelmente no centro, mas não sabia usá-lo. O sofá era antigo, ou pelo menos tinha funções antigas, dois braços, três lugares, semi-reclinável. A geladeira de material translúcido também não parecia tão complexa. Não precisava mexer nos robôs de limpeza ou nos robôs de estimação. Tampouco precisava acessar alguma rede. Não precisava de diversão na rua, “por que precisaria ali?”, se perguntou. Então pegou uma garrafa de soy e passou o restante do dia sentado no sofá, vez ou outra, ia até a geladeira pegar alguma comida.

Adonias não queria saber de Daniel indo embora. Ao ouvir que não teria como pagá-lo, o guarda simplesmente dava de ombros e dizia que, quando precisasse de algum favor Daniel o faria e ficariam quites, não precisava se preocupar. Daniel foi ensinado a acessar os robôs da casa, dos mais simples de limpeza aos mais complexos e teve mais dificuldades de entender a sua forma de comando, como com os projetores de realidade aumentada. Os anos de prisão e de rua o enferrujaram em relação a essas tecnologias. Nenhuma delas pareciam-lhe úteis para a sua sobrevivência.

Daniel começou, então, a ajudar Adonias com seus afazeres. Limpava a casa, ou melhor, fazia com que os robôs a limpasse. Deixava o robô Golias, que funcionava como um cachorro, sempre carregado em alguma função que não o incomodasse. Nunca havia sido um homem de pets. Vez ou outra entregava algum produto de Adonias na região. Eram sabonetes artesanais feitos pela tia do guarda e que ele a ajudava a vender. Daniel sentia estar retribuindo um pouco a sua estadia, mas queria mais. Nada pagaria a fé que Adonias tinha em Daniel. Nada.

Um mês depois da chegada de Daniel naquela casa, Adonias preparou um jantar extravagante que ele chamou de “jantarzinho”, mas que tinha coisas que pareciam caras só de olhar. Quanto havia custado e como poderia pagá-lo de volta não eram perguntas que Adonias fosse responder, não importava a insistência de Daniel.

“Come!”, sussurrou asperamente. “Come logo a porcaria do camarão e para de me encher o saco.” Daniel se serviu então, ainda sem jeito. “É só um ensopado de camarão de soja à muranga. Relaxa. É gostoso, nem é caro assim.”

Era delicioso. Nada comparado aos almoços servidos em lugar nenhum em que havia comido nos últimos anos. Talvez, mesmo antes de seu tempo na prisão, camarão de verdade não fosse tão gostoso assim.

“Gostoso, né?”

“Uhum!”, foi o que conseguiu responder de boca cheia ao sorriso que lhe foi dado. Um sorriso sincero. Vendo aquele sorriso, aquele olhar, finalmente entendeu o motivo pelo qual estava ali, naquela noite, sentado à mesa com aquele homem. Percebeu também que isso tornaria ainda mais impossível retribuir tudo o que estava recebendo. Daniel reconheceu o sentimento que estava se espalhando por seu corpo, o calor que vinha sentindo havia dias, o amor que era capaz de sentir espelhado em si sempre que estava próximo de Adonias.

“Tudo está bem agora”, deixou escapar antes que pudesse se controlar. Adonias continuou o olhando, sorrindo e acenando e, como se lesse seus pensamentos, acariciou a sua mão.

“Tudo vai continuar bem enquanto a gente estiver junto.”

Por poucos meses, a rotina de Daniel se ateve em manter os robôs da casa funcionando, fazer as entregas de Adonias e viver uma sensação forte e calorosa que não se lembrava jamais ter vivido antes. Não somente pelo sexo, mas o amor que Adonias sentia por ele fazia Daniel amá-lo e amar a si mesmo de tal forma que não sabia explicar. Podia ser feliz o quanto quisesse, não precisava se incomodar com os anos na rua e na cadeia e, na verdade, já nem se lembrava bem deles. Como se as lembranças dos terríveis momentos pelos quais havia passado estivessem sendo deletadas e simultaneamente substituídas por dias felizes e simples com o homem que o amava.

Então, a prisão. Novamente. Daniel foi indiciado por tráfico por carregar para cima e para baixo uma substância ilícita diluída em sabonetes. Adonias foi indiciado junto. Ele suplicava que não sabia de nada, e Daniel, de alguma forma, sentia que o homem dizia verdade. Então, Daniel convenceu Adonias a entregar a mulher, sua tia traficante, e assim reduziram as suas penas.

“Vai ficar tudo bem”, Daniel disse, já no refeitório da cadeia, meses depois de serem julgados culpados. Daniel buscava aplacar um Adonias frio, distinto daquele que o ajudou a… distinto daquele que o ajudou. Era fachada, Daniel repetia para si mesmo. Ali, era melhor que não fossem um casal. A necessidade disso se provou com o reencontro com Branco. No pátio, convulsionando após um chute pelas costas em seus testículos, Daniel olhou para trás e viu o homem que havia quebrado o seu nariz séculos atrás.

“E aí, negão. Que nariz horrível!”, ele sorriu. Nenhum guarda parecia ter visto a cena. Adonias, que olhava para longe, não iria se envolver tampouco. Era a hora de pagá-lo de volta. Cerrou os punhos e se levantou num pulo, pronto pra briga. O homem gigantesco mostrava os dentes no sorriso odioso que se lembrava. Impulsionou seu braço direito para trás. E… no meio do movimento, desistiu. Olhou ao redor. Vários rostos indistinguíveis agora o observavam, guardas e presos. Não valeria a pena, percebeu. Não adiantava lutar contra aquilo.

Vendo a sua falta de vontade de lutar, Branco sorriu ainda mais abertamente, virou-se de costas e, caminhando lentamente, misturou-se à multidão de presos que tomavam sol. Adonias também estava lá. Se ele estivesse por perto, se não

fosse aquela barreira de proteção que criaram, Branco com certeza não os deixaria em paz. Daniel sentia isso enquanto a dor do golpe desaparecia por completo.

Outras provocações de Branco aconteceram por algumas semanas. O ódio que sentia pelo homem era avassalador, mas a sua força de vontade era ainda maior, e conseguia não reagir aos insultos, socos e chutes que levava. Adonias trocava algumas palavras com Daniel, mas sempre dentro daquela barreira invisível, a fachada que era necessária. Então os dias se passavam e tudo o que pensava era em como iria reconstruir a sua vida após a prisão. Poderia trabalhar em alguma lojinha e, mesmo que trabalhasse até tarde da noite, teria alguém esperando por ele. Cheiro de mijo chegava ao nariz de Daniel e uma parte dele sabia que tudo iria terminar bem. Vendo Adonias, mesmo sem identificar mais o amor espelhado que sentia antes da prisão, Daniel ainda era capaz de amá-lo.

"Tudo vai continuar bem enquanto… enquanto a gente estiver junto."

A urina na qual recobrava a consciência parecia mais real agora. As paredes e o teto haviam se estabilizado. Nada mais se movia. A vertigem tinha passado, mas de sua boca aberta escorria saliva e bílis direto para a poça de urina no chão.

"Ah…"

Se levantou aos poucos. A vertigem havia passado, mas seu corpo ainda doía e cada músculo implorava que não precisasse levantá-lo. Nu, ele não sabia se aquela urina era sua ou se a poça havia sempre sido daquele tamanho. Mesmo assim, estava sujo, fedia, e se direcionou a um box com chuveiro. Apertou o botão e a mensagem de "Não desperdice água" deu lugar a um marcador de segundos.

59, 58, 57…

Se lavou com a água gelada. Sentia suas mãos percorrerem o corpo quase irreconhecível, mas a parede espelhada do box não o ajudava a se identificar. Se algo havia mudado durante a simulação, era o seu corpo. Tinha que descobrir que dia era. Agora conseguia distinguir suas lembranças melhor, estava confiante que os efeitos da simulação estavam passando.

O lado de fora a recepção continuava a mesma. Não devia ter passado mais que dez ou vinte minutos desde que havia entrado no banheiro. Acenou levemente para os guardas, a mulher ainda de pé ao lado do corredor, o homem e a mulher recepcionista, e seus nomes, profissão e antecedentes apareceram de imediato no canto do olho direito. Então, quase no topo do seu ponto de visão, finalmente viu a data. Três meses na simulação, fez as contas. Sua conta bancária, também notou, provavelmente seria suficiente para ir até a casa dos seus pais. Verificou suas informações. Seu nome vinha logo acima do aviso inapropriado "Desempregado", seguido por "10 anos, 2 meses e 25 dias de prisão" e, em letras maiúsculas, "APROVADO PELO SISTEMA". Encostou o braço chipado no leitor da porta, que se abriu após um instante, e saiu.

MAIS AVANÇADO QUE A MAIS AVANÇADA DAS MAIS AVANÇADAS TECNOLOGIAS

Raquel Setz é jornalista desde 2007 e tenta ser escritora desde 2020. Prefere utopias a distopias, e gostaria de ter sido Ursula Le Guin. Teve contos publicados nas newsletters *Faísca e Pulpa* e na *Solarpunk Magazine*.

Quando o barulho da nave foi ouvido, ela já estava irremediavelmente próxima das casas e plantações. Gritos de “entra e fecha tudo, entra e fecha tudo!” ressoaram pela vila aos pés da igreja e pelos alertas enviados por celular aos que moravam afastados. Tachos de doce foram largados no fogo e mães correram desesperadas, catando pelo braço os filhos pequenos, que olhavam maravilhados para as milhões de gotículas brancas que formavam um véu de noiva líquido no céu. Até seria um espetáculo bonito, se não fosse uma tentativa de homicídio.

De uma pequena oficina caseira, seis rapazes magros e ágeis saíram empurrando uma geringonça montada com pedaços de bicicleta, peças de carro enferrujadas e partes de eletrodomésticos quebrados. Os mais novos giravam com força a manivela propulsora feita com a roda de uma antiga máquina de costura, enquanto o líder da turma tentava apontar o atirador de míssil na direção do drone inimigo. Antes do ataque, os dedos grossos e nodosos de Vó Sebastiana acertaram uma bordoada na cabeça do neto mais velho, que sequer teve tempo de protestar.

– E o que é que vocês vão fazer, hein? Explodir esse troço pra espirrar o veneno e matar todo mundo, é? Bando de moleque. Já pra dentro!

A névoa assassina pairou durante quase uma hora. Quando o ar voltou a ser transparente, as pessoas deixaram as casas e foram conferir o tamanho do estrago. E, dessa vez, ele tinha sido grande: até a plantação de bananeiras fora afetada. Muitos choravam ao ver destruído o trabalho duro das manhãs no roçado, faça chuva, faça sol, a enxada gravando calos nas mãos. E havia também outro aniquilamento, invisível, porém ainda mais trágico: todo aquele veneno entraria no solo e atingiria a água que eles retiravam dos poços e bebiam.

Os olhos de seu Valdo também estavam cheios de tristeza e ódio, mas ele não se permitiria derramar nenhuma lágrima. Pegou um carrinho de obra cheio de arados, pás e facões, e convocou:

– Bora, meu povo, bora!

Fazia trezentos anos que eles viviam ali. Essa não era a primeira vez que tentavam eliminá-los, e nem seria a última. Fazia trezentos anos que eles viviam ali, e estavam decididos a permanecer por, no mínimo, mais trezentos.

#

A cena testemunhada quinze anos atrás voltava à memória de João enquanto o ônibus chacoalhava por uma estrada de terra no Mato Grosso do Sul. Na época, ele tinha vinte e dois anos e acabara de ingressar no recém-criado Programa Nacional de Êxodo Urbano. Passou os primeiros seis meses como aprendiz na comunidade quilombola constantemente atacada pelos drones de agrotóxico, depois viveu em aldeias indígenas, assentamentos e povoados rurais em diversas partes do país.

As lembranças do tempo de aprendizagem foram interrompidas bruscamente pelo solavanco do ônibus. Nem foi preciso o motorista avisar os passageiros: eles sabiam que aquela brecada significava que o veículo tinha quebrado. De novo. Era um modelo experimental desenvolvido por estudantes universitários e funcionava à base de energia solar e combustível renovável. Isto é, quando funcionava.

João, seguindo os companheiros, saiu do ônibus e sentou na beira da estrada. Apesar do incidente, o clima geral era de bom humor, e eles aproveitaram a pausa para lanchar, esticar as pernas e conversar. Todos ali se conheciam, se não pessoalmente, pelo menos de ouvir falar. Afinal, todos eram pioneiros, integrantes das brigadas que transformavam áreas arrasadas em Novas Células Agriculturáveis, carinhosamente chamadas de “descolônias agrícolas”.

– As estradas continuam a mesma merda de quando eu morei aqui pela primeira vez – desabafou Gabriela, abocanhando um sanduíche de pasta de grão-de-bico.

– Faz tempo isso?

– Se faz… Foi bem no início do Programa, as Novas Leis Agrárias ainda nem tinham sido aprovadas. Os guarani-kaiowá estavam em processo de retomada e fiquei em uma aldeia minúscula, espremida por uma fazenda gigantesca de soja. Lembro do cacique levantar uma abertura da cerca de arame e me levar para dentro dessa plantação. Caminhamos um bom tempo no meio dos pés de soja. Um silêncio… não tinha um passarinho, uma abelha, um mosquito, nada. Só soja. Eu não sabia por que estávamos ali, e pra falar a verdade estava morrendo de medo de algum pistoleiro aparecer, até que chegamos ao local que ele queria me mostrar. O cacique afastou os galhos de soja e apontou ali no meio, escondidos, clandestinos, cinco pés de mandioca que ele tinha plantado. Eles não comiam essa mandioca, ela estava contaminada com as tranqueiras químicas que eram usadas na soja, mas era um gesto de afronta.

Davi, rapaz krenak de dezoito anos que fazia sua primeira expedição com as

brigadas, sorriu ao ouvir a história, tão parecida com aquelas que escutava os pais e avós contarem. Ele mesmo não tinha memória dos tempos de luta. As imagens da infância já eram de uma aldeia com muito verde e água limpa, além da presença constante de não-indígenas que estavam lá para aprender, não para destruir. Um antigo vagão da mineradora, que havia sido expulsa do território pouco tempo antes, era um lembrete de que as coisas nem sempre tinham sido tão pacíficas. Mas, para as crianças, era só um brinquedo com o qual elas se divertiam nos dias longos e quentes.

– E você teve notícias da aldeia depois, Gabriela?

– Sim. Por sorte, os donos da fazenda eram uma família só meio filha da puta. Quando vieram as leis, eles espernearam, mas não fizeram ataques. A aldeia se espalhou pelo antigo latifúndio, e em pouco tempo os guarani-kaiowá já estavam plantando mandioca não-contaminada. Fiz uma visita rápida uns sete anos depois da minha estadia, estava bonito de ver.

Edson, mecânico da brigada, apareceu todo sujo de graxa anunciando que o ônibus tinha sido consertado, pelo menos por ora.

– Pô, Ed, tá cada vez mais rápido, hein? Já virou expert em arrumar esse bólido – brincou João, sacudindo a poeira da calça e se preparando para mais sabe-se lá quantas horas de sacolejo pelas estradas péssimas, com sabe-se lá quantas outras pausas forçadas para reparos.

A viagem desassossegada servia como treino para o que encontrariam no destino final. A missão deles era estabelecer a infraestrutura básica de uma Nova Célula Agriculturável num terreno de nível F, que exigia a presença de pioneiros experientes. O lugar para onde se dirigiam era também uma antiga monocultura de soja. Só que neste caso, quando as Novas Leis Agrárias entraram em vigor proibindo esse tipo de cultivo, a empresa proprietária não foi embora sem antes pulverizar centenas de toneladas de agrotóxico sobre a plantação, deixando a terra envenenada e estéril pelos dez anos seguintes. Era a mesma tática que João viu ser usada contra o quilombo: uma guerra química, cujas armas não eram napalm e sarin, mas glifosato e paraquat.

#

Na noite seguinte ao ataque, os quilombolas se reuniram na igreja da vila, usada como espaço de discussão e tomadas de decisões coletivas. João não sabia se deveria ir ou não. Ele chegara duas semanas antes, e pela primeira vez desde então teve a sensação de ser um intruso, um estorvo. Ele pensava nisso sentado na cozinha da casa de Márcia, liderança do quilombo e anfitriã dos aprendizes do Programa. Ao cruzar com João, ela interpelou o jovem:

– E tá fazendo o que aí parado com cara de quem tá pensando na morte da bezerra? Tem reunião na igreja. Bora!

– Eu não sei se devo ir a essa reunião, Márcia… Acho que vai ser invasivo…

– Você não tá aqui pra aprender, menino? Pois venha aprender como funciona

nossa câmara dos deputados. Bora!

Com um sorriso largo no rosto, ela pegou o garoto da cidade pelo braço e assim seguiram até a igreja. O sol tinha acabado de se pôr e o caminho por entre a vegetação verde escura tinha que ser iluminado com a luz dos celulares. Márcia emanava algo que João ainda não conseguia entender. De onde ela tirava força para sorrir depois de ver a terra dos seus ancestrais ser atacada como acontecera na tarde anterior? Será que algum dia ele também poderia ter essa força dentro de si ou isso é coisa que vem de nascença?

Quando chegaram, a câmara dos deputados a que Márcia se referira fazendo graça já estava em polvorosa. Várias discussões aconteciam ao mesmo tempo, mas o foco central da discórdia era o grupo de rapazes que tentara explodir o drone.

– E vocês acham que aquele troço mal ajambrado ia conseguir derrubar a máquina dos caras? Vocês estão vendo filme demais – zombou Zé, dono do boteco mais frequentado do quilombo e conhecido tirador de sarro.

– Pelo menos a gente tentou fazer alguma coisa – o moço mais velho tentou se defender. – Se não, como vai ser? Cada vez que esses arrombados mandarem veneno pra cá, a gente vai só chorar?

Ao ouvir o neto falar um palavrão dentro da igreja, Vó Sebastiana deu-lhe mais um cascudo, arrancando exclamações de admiração de boa parte dos presentes. Uma das mulheres mais velhas do quilombo, era tratada com reverência, e todos que cruzavam com ela automaticamente se ajoelhavam para pedir a bênção.

– Se aquele negócio tivesse explodido, nem gente pra chorar tinha sobrado – ela arrematou a bronca, e os rapazes se calaram.

Mas a questão levantada era importante: eles tinham que fazer alguma coisa, não dava só para se esconder dos ataques. As discussões recomeçaram ainda mais caóticas, até que uma voz de mulher pediu a atenção de todos. Foi necessário gritar algumas vezes, mas finalmente se dispuseram a ouvi-la.

João nunca tinha visto aquela moça, mas assim que botou os olhos nela ficou maravilhado. Deveria ter em torno de vinte e cinco anos, era alta e bastante magra, com longos dreads até a cintura. A pele preta contrastava com o amarelo vivo das roupas. Cobrindo o torso, ela trazia amarrado um pano que depois ele aprendeu se chamar “capulana”. Dentro dele, um bebezinho se aconchegava mordiscando o bico do seio da mãe.

– Nossa melhor alternativa é hackear o drone.

– Raque-o-quê? – os mais velhos indagaram, achando estranho aquele palavreado.

A moça chamou mais três companheiras, que tiraram de sacolas de palha trançada os equipamentos que vinham desenvolvendo em segredo. Assim como o lança-míssil dos rapazes, também eram feitos de sucata, mas tinham um acabamento melhorzinho.

– Vamos fazer uma demonstração pra vocês. Montamos esse drone aqui pra fazer papel do drone inimigo.

Uma moça de black power botou o aparelho para voar por sobre a cabeça

dos presentes.

– A Maria que tá pilotando, certo? Agora, vou roubar o drone dela usando meu celular – Ela deu alguns toques na tela do telefone – Já consegui entrar no sistema e tenho acesso ao protocolo de comunicação do controle com a máquina… – Só mais alguns toques e anunciou – pronto, agora sou eu que estou pilotando! Maria, tenta dar algum comando.

Maria mexeu freneticamente no controle remoto, mas o drone ficou imóvel. Ela então guardou o controle de volta na sacola. A moça de dreads, usando o celular como joystick, fez a nave voar para fora da igreja e depois retornar, pousando nas mãos de outra hacker do grupo, esta com os cabelos presos em duas tranças grossas. “Cyber Dandaras”, João fantasiou, um sorriso de fascínio brotando no canto dos lábios.

– Vem cá, Pâmela… uma coisa é fazer isso aí que você fez com esse dronezinho mequetrefe, quero ver pegar aquela jamanta – Zé desafiou, com tom de deboche. Pâmela não se deixou incomodar pela provocação:

– Não é uma questão de tamanho nem nada do tipo. Os drones em geral têm a segurança muito falha. Ontem mesmo conseguimos entrar no sistema deles, mas não tivemos tempo de ganhar controle sobre a máquina. Da próxima vez, provavelmente já vamos conseguir. Mas, pra isso, não dá pra ficar moscando e só perceber que estamos sendo atacados quando já tem veneno caindo em cima de tudo. Precisamos montar um esquema de vigilância e alerta.

Todos concordaram, e logo começaram a definir o que cada um faria, quais seriam os horários das rondas, como o aviso poderia ser passado o mais rápido possível. Pâmela interrompeu o planejamento:

– E também precisamos decidir o que vamos fazer com o drone inimigo depois de capturado. Ontem, descobrimos as coordenadas de onde partem os comandos, ou seja: descobrimos onde está o piloto do drone. Adivinhem.

– Aposto que vem lá do pastão!

– Bingo!

O “pastão” era uma fazenda pecuária que tinha sido por muitos anos propriedade de uma família portuguesa e agora era administrada por uma empresa transnacional. Mudou de dono, mas continuou a mesma prática: tentar avançar sobre o território do quilombo. Na época dos Lima, isso era feito de maneira mais discreta, com um deslocamento de cerca, um boi que misteriosamente aparecia na terra vizinha… Com a chegada do dinheiro grande e o receio das mudanças que começavam a acontecer no país, os métodos vinham se tornando violentos.

– Temos duas opções – Pâmela retomou a palavra. – Uma é pegarmos o drone. E aí retiramos o galão de agrotóxico com cuidado, guardamos em algum lugar muito bem protegido e, em seguida, destruímos a máquina. Ou então, fazemos o drone dar meia volta e despejar todo o veneno no pastão!

Houve urros de empolgação. Eles vão provar do próprio veneno, literalmente! É isso aí, vamo pra cima deles! Brincou com fogo…

Os sonhos de vingança foram frustrados por Vó Sebastiana:

– E esse veneno aí não vai entrar na terra do pastão e ir pra água que tem embaixo e acabar contaminando os nossos poços? E se bater um vento na hora e a porcaria vir parar aqui também? Ou agora vento e água respeitam cerca?

A matriarca, como sempre, tinha razão.

#

Às três da manhã, o ônibus fez a derradeira parada. Os pioneiros levantaram com esforço, cada músculo do corpo doendo como se tivessem levado uma surra, os olhos fundos de sono. Bocejando, eles abriram o compartimento de bagagem e retiraram as barracas onde passariam muitas noites. Apesar do clima nas brigadas ser sempre de otimismo, houve uma boa dose de palavrões enquanto eles montavam acampamento no meio da madrugada em um local totalmente escuro, segurando lanternas com a boca e eventualmente acertando o martelo em algum dedo. Vinte minutos depois, já estava tudo pronto. Jacira, coordenadora do grupo, anunciou:

– Boa noite, povo. Nos vemos daqui a… três horas?

– Mas e os banheiros? A regra é montar os banheiros assim que o acampamento estiver estabelecido.

Olhares candidamente furiosos se voltaram para Tomaz, autor da interpelação inesperada. Gabriela, conhecida por ser muito direta, rapidamente resolveu a situação:

– Sem chance, Tomaz, tá todo mundo moído. Se quiser fazer número 2, vai de baldinho.

Como combinado, três horas depois estavam todos de pé. Fizeram um café da manhã rápido com sementes e castanhas, e deram início ao trabalho. A primeira coisa foi instalar os banheiros secos, mas essa era uma tarefa simples: as brigadas já levavam a estrutura desmontada, era só encaixar quando chegassem ao local. O modelo era feito em impressora 3D reaproveitando restos de plástico, e consistia em uma cabine a dois metros de altura do chão. A privada tinha uma divisória interna: a parte da frente era para xixi, que descia por um cano e ia direto para o solo. As fezes caíam em um latão acoplado embaixo da cabine. Cada um que usava o banheiro tinha que cobrir seus dejetos com uma camada de palha seca. Quando o latão atingisse metade da capacidade, era fechado e levado para ficar no sol por dois meses. O sistema de banheiro seco evitava a contaminação da água do subsolo e dos rios com matéria fecal e, de quebra, fornecia adubo natural para a agricultura. “Combosteira” era o apelido usado pelos pioneiros.

No início do Êxodo Urbano, esse foi o maior tabu para aqueles nascidos e criados nos grandes centros. Muitos se inscreviam no Programa levados pelo sonho bucólico de uma casa no campo, imaginando que a vida rural era uma espécie de jardinagem em grande escala. Quando descobriam que teriam que lidar com as próprias fezes de maneira mais íntima, não eram poucos os que surtavam e pediam para voltar ao ar poluído e ao caos das cidades.

Na hora do almoço, os três banheiros já estavam prontos, e os brigadistas

finalmente fizeram uma boa refeição e tiraram uma soneca. À tarde, se dividiram em dois grupos: um responsável por montar as cisternas (que também já vinham pré-fabricadas), e outro encarregado de começar os trabalhos na terra.

Já fazia mais de treze anos desde o ataque com os agrotóxicos, tempo suficiente para a natureza começar a se regenerar. Por enquanto havia só uma vegetação rasteira, mas com o passar do tempo o bioma original do cerrado se recuperaria totalmente. Por isso, cerca de 80% da extensão da antiga plantação de soja seria deixada quase intocada, permitindo que as plantas, pássaros, abelhas e ventos voltassem a ocupar o espaço. Apesar da não-interferência humana, as espécies espontâneas não só podiam como deviam ser conhecidas, coletadas e utilizadas segundo as necessidades dos habitantes do local. Divididos em duplas, os pioneiros começaram a identificar quais eram comestíveis ou tinham propriedades medicinais, usando para isso o conhecimento acumulado em muitos anos de Programa e também um aplicativo que ajudava no reconhecimento das plantas – o que causava um certo desgosto em Seu Juarez, homem do campo de quase setenta anos que entrara para as brigadas após a morte da esposa.

– Precisa de máquina pra isso? – ele reclamava baixinho, enquanto examinava as ervas e rapidamente sentenciava: – Essa presta pra comer. Essa não presta pra comer.

No percurso, foram colhendo algumas amostras, preparadas em um refogado no jantar sob o céu forrado de estrelas. O primeiro dia de trabalho chegara ao fim, e a sensação geral era de satisfação e dever cumprido.

– Quantas plantas vocês conseguiram identificar hoje?

Gabriela consultou o celular:

– Foram 22 espécies, Jacira. 15 comestíveis e 7 com propriedades medicinais. Devemos achar mais coisa nos próximos dias, a diversidade botânica aqui é bem grande. Inclusive, eu não me surpreenderia se descobríssemos alguma espécie ainda não catalogada.

– Ótimo. Quanto tempo mais vocês precisam para terminar essa varredura inicial?

– Acho que em uma semana dá pra concluir.

– Beleza. Podemos manter esses mesmos dois grupos por enquanto? E o pessoal da construção já começa a levantar a cozinha comunitária amanhã.

Todos concordaram.

– Hoje, já peguei amostras de solo e fiz alguns testes no laboratório portátil. É uma terra difícil, ácida… mas nada que não tenhamos visto antes. E além do mais, se fosse fácil, nem teria graça, né?

Jacira se esticou de barriga para cima, um sinal de que o assunto “trabalho do dia” estava encerrado e eles podiam relaxar. Uma garrafa de vinho e um cigarro de palha circularam entre os pioneiros, que ora contavam causos de brigadas passadas, ora ficavam em silêncio admirando o céu.

– E pensar que, dez mil anos atrás, um grupo de pessoas pode ter se sentado neste mesmo lugar, cozinhando plantas coletadas na mata e olhando as estrelas

exatamente como estamos fazendo agora.

– A gente tá voltando pra trás no tempo, João, é isso o que você quer dizer?

– Não colocaria assim, seu Juarez… Diria que estamos voltando no tempo para poder andar para frente de um jeito novo… por um caminho melhor.

– Vocês que são estudados falam de um jeito complicado de entender. Ir pra trás pra ir pra frente… – seu Juarez resmungou, alimentando o fogo com um galho seco.

– Não liga pro que o João fala, seu Juarez. Ele fica todo sentimental toda vez que olha prum céu estrelado. Coisa de moleque que nasceu e cresceu em condomínio fechado – provocou Gabriela.

João ignorou o comentário maldoso da colega, ela mesma cria digníssima do bairro carioca de Ipanema, e continuou o raciocínio:

– Há vários estudos que mostram que as florestas que acreditávamos serem paraísos intocados pelo homem, como a Amazônia, na verdade foram manejadas por povos muito antigos. E não só isso: esse manejo contribuiu para a biodiversidade da mata. Colocando de um outro jeito: de virgem a floresta virgem não tem nada.

Todos riram. O breve ataque de humor inesperado animou a conversa, tanto que Jacira voltou a sentar e emendou:

– E uma das tecnologias usadas por esses povos era o fogo. Eles literalmente incendiavam pedaços enormes de mata, mas em vez de causar destruição, isso ajudava a natureza. Eles sabiam usar o fogo de um jeito que já não sabemos mais. Um pouco deste conhecimento foi preservado por povos tradicionais: as roças de coivara dos quilombolas e de muitas nações indígenas… Mas a maior parte da sabedoria de fato se perdeu. Gosto de pensar que parte do nosso trabalho é tentar resgatar… ou melhor, redescobrir esses conhecimentos perdidos.

#

O novo ataque ao quilombo veio duas semanas depois, mas dessa vez estavam preparados. Os vigias avistaram o drone de longe e dispararam avisos para toda a comunidade. As “Cyber Dandaras” saíram do celeiro transformado em um quartel-general, onde estavam constantemente de plantão. Celulares em punho, interceptaram a comunicação com a base. Nisso, a nave começou a espirrar agrotóxico sobre o bananal e houve um início de pânico, que durou só alguns minutos. Logo as hackers assumiram o controle da situação e conseguiram interromper a chuva de veneno. Mais alguns minutos e o drone inimigo pousava suavemente na pracinha em frente à igreja. Olhos curiosos e amedrontados se reuniram em volta do temível artefato, que agora parecia um bicho dormindo, imóvel e vulnerável.

Tudo correu como o combinado: o galão foi retirado e levado para um depósito de rejeitos montado em uma área distante e não-povoada do quilombo. Era uma espécie de casinha em formato de cubo feita com os materiais mais resistentes que puderam encontrar. Ali, o veneno ficaria armazenado em segurança. João acompanhou o grupo responsável por essa tarefa.

– Um dia isso aqui ainda vai ser um museu – disse Márcia, apontando a construção.

– Museu de agrotóxico, Márcia?

– Não, meu filho, museu da nossa resistência.

Quando voltaram, a praça da igreja tinha se transformado. Pedaços do drone inimigo viraram bumerangues, tacos e brinquedos diversos nas mãos das crianças, eufóricas com a aventura que tinham acabado de viver.

– Tia Pâmela, você é um super herói? – perguntou uma menina de não mais que cinco anos, olhando embasbacada para a hackers de longos dreads.

– Sou nada disso, Aisha. Só fiz o que tinha que ser feito.

– Quando eu for grande, quero fazer essas coisas igual você, tia!

Pâmela pegou a garotinha no colo e lhe deu um beijo afetuoso nas bochechas gorduchas. Já no chão, Aisha saiu correndo atrás de um grupo de meninos que se preparava para lançar um foguete feito de uma lasca do drone.

O clima entre os adultos também era de entusiasmo. Moradores vindos de áreas afastadas do quilombo chegavam ávidos de saber as novidades. A história de como as quatro moças tinham capturado a nave inimiga corria de boca em boca, com eventuais distorções e exageros. E ali nascia uma nova lenda, uma nova história entre as muitas narrativas que há séculos construíam quem eles eram.

Zé trouxe mesas, cadeiras e uma dúzia de garrafas de cerveja gelada para a praça.

– Essas aqui são por minha conta! Mas só essas, viu?

Das casas da vila, saíram tabuleiros de doce, panelas com galinha refogada, bolos recém-tirados do forno e banana frita para comer como aperitivo. Logo também apareceram instrumentos musicais e a festa começou, sem que ninguém tivesse combinado ou organizado nada. Cantos muito antigos eram puxados ao ritmo das palmas, e uma roda de dança se abriu. João, muito tímido, não se atreveu a participar. Ficou apenas observando, maravilhado, a vida acontecer assim tão espontaneamente.

Nos dois meses seguintes, houve mais cinco ataques. Cada vez eram interrompidos com mais rapidez e eficácia. Até que simplesmente pararam de acontecer. Quando João foi embora, a casinha dos agrotóxicos já tinha virado museu.

#

As memórias do quilombo voltavam sempre no início ou no fim de um ciclo, e aquele já estava se encerrando. João observava o céu cor de laranja e reparava o quanto o cheiro daquele lugar havia mudado, o quanto a fragrância de terra e de mato havia ficado mais forte após onze meses de lida pesada e também de espera – grande parte do trabalho com a natureza era simplesmente aguardar que a natureza fizesse seu trabalho.

Uma parte do campo foi preparada usando a técnica de coivara, resquício do vasto conhecimento do uso do fogo que eles tentavam, com muito cuidado, retomar.

João ficou responsável por coordenar outra área, onde foi aplicada a técnica de agrofloresta. Ali, na terra ainda bastante estéril, foram plantadas sementes de feijão-guandu, milho, abóbora e crotalária, espécies que se desenvolvem em poucos meses e com poucos nutrientes. Depois da colheita, seus galhos e raízes seriam transformados em adubo, tornando o terreno apto a receber cultivos mais exigentes. Eram as plantas pioneiras, nome que não por acaso era usado dentro do Programa para designar as pessoas que preparavam o terreno para as que vinham depois.

E já no dia seguinte os novos moradores começariam a chegar, retirantes do asfalto vindos dos municípios do entorno. No início do Êxodo Urbano, a perspectiva de trocar os confortos da cidade pela vida na roça atraiu especialmente jovens universitários de classe média, mas agora o público era bastante diverso, havendo um grande contingente vindo das periferias. Muitos eram netos de pessoas que haviam sido obrigadas a deixar seus pequenos lotes de terra por causa do avanço do agronegócio, e agora viam a possibilidade de voltar ao estilo de vida narrado com saudade pelos avós. Outros queriam apenas um horizonte para o qual olhar, longe do concreto cinza e duro dos bairros superpovoados.

João se perdia em reminiscências quando Gabriela sentou ao seu lado:

– E quais são seus planos? Vai partir para a nova descolônia?

– Sim. Essa vai ser um belo desafio. Interior do Pará… Você vem também?

– Não. Decidi que vou morar aqui.

– Pra sempre?

Ela assentiu.

– Essa me pegou de surpresa. Não te imaginava já se aposentando, Gabriela.

– Eu também não, não foi nada planejado. É que conforme os dias foram passando, comecei a sentir uma coisa boa sobre esse lugar… acho que algo muito bonito vai nascer aqui, algo que eu venho buscando há tanto tempo… Não sei explicar, é um pressentimento.

– Não faz muito sentido falar em pressentimento. O que vai nascer aqui é o que vocês quiserem que nasça aqui.

João tinha razão. O trabalho dos pioneiros era apenas garantir o mínimo necessário para o estabelecimento de uma Nova Célula Agriculturável: uma terra apta ao cultivo e uma infraestrutura básica com cisternas, banheiros, um alojamento simples e uma cozinha comunitária. O restante ficaria a cargo dos novos moradores, que teriam liberdade para construir a “descolônia agrícola” como achassem melhor. Em algumas, as famílias viviam bem distantes umas das outras, em casas espalhadas no meio do verde denso; em outras, havia uma espécie de centro onde as habitações se concentravam. E ainda havia algumas experiências em que a própria noção de casa fora subvertida, com os moradores vivendo em enormes residências coletivas em que tudo era partilhado, inclusive o cuidado com as crianças. E ainda nasceriam muitas outras formas de organização e sociabilidade, formas que ainda nem podiam ser imaginadas – mas que seriam criadas no convívio, na troca de saberes, nas discussões e nas disputas.

– Você vai fazer falta nas brigadas – ele sussurrou encostando a cabeça no

ombro da companheira. Eles tinham trabalhado juntos em seis brigadas ao longo de dez anos. Tempo suficiente para formar uma forte amizade, pontuada por algumas trocas de farpas e uma boa dose de tensão sexual.

– Chega uma hora que a gente quer criar raízes – Gabriela respondeu, afagando os cabelos cacheados dele.

Naquela noite, dispensaram o quarto no alojamento e acamparam no meio da mata. Se emaranharam com avidez e ternura até o nascer do sol, quando os sons suaves da natureza foram encobertos pelo barulho do ônibus chacoalhando pela estrada de terra. João se despediu com um beijo demorado.

– Boa sorte na nova casa.

– Boa sorte na nova caminhada.

Contemplando a paisagem do cerrado pela janela do veículo, João se deu conta de que aquele pedaço de lata que vivia pifando e sua velha barraca de acampar eram as coisas mais próximas a uma casa que ele tivera há mais de uma década. Ou talvez a casa fosse o mundo todo pra lá do vidro. Será que algum dia ele também criaria raízes? E onde no mundo-casa seria essa morada? Impossível saber agora. Por enquanto, não estava pronto para se estabelecer definitivamente em um lugar. Ainda havia terras degradadas, contaminadas e violentadas precisando de cura.

Pegou no sono com o sacolejo do ônibus.